



VISÕES DO DESENVOLVIMENTO

ABRIL • 2025 • NÚMERO 01



**Encontrando
o rumo: as
possibilidades da
América Latina e
do Caribe em um
novo mapa global**

JEREMY RIFKIN:
“A região possui o
capital mais valioso
do mundo”

**RED, 20 anos
de conhecimento
que transforma**



**BANCO DE DESENVOLVIMENTO
DA AMÉRICA LATINA
E CARIBE**



**América
Latina e
Caribe**

Cada caminho
uma oportunidade



RED: Relatório de Economia e Desenvolvimento

20 ANOS

a serviço de um futuro
próspero, inclusivo
e sustentável

Nas últimas décadas, a América Latina e o Caribe alcançaram avanços notáveis.

No entanto, persistem desafios profundos: um em cada três habitantes ainda vive na pobreza e a região continua sendo uma das mais desiguais do mundo.

Este livro oferece uma visão integral para entender e enfrentar essas problemáticas, explorando o triplo desafio de crescer, incluir e proteger o ambiente.





É uma publicação do:

CAF – BANCO DE DESENVOLVIMENTO
DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE

[HTTPS://WWW.CAF.COM/](https://www.caf.com/)

Equipe CAF:

Sergio Díaz-Granados
Presidente Executivo

Gianpiero Leoncini
Vice-Presidente Executivo

Christian Asinelli
*Vice-Presidente Corporativo
de Programação Estratégica*

Antonio H. Pinheiro Silveira
Vice-Presidente do Setor Privado

Gabriel Felpeto
Vice-Presidente de Finanças

Alejandra Claros
Secretária Geral

Andrés Zamora
Diretor de Comunicações Estratégicas

Robert Valls
Executivo Principal de Comunicação

© 2025 CAF – banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe –. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida total ou parcialmente, sem a permissão prévia do CAF. Além disso, as opiniões expressas nos artigos e outros materiais são dos autores; não refletem necessariamente a política do CAF.



Esta postagem
é encontrado
disponível
também em
Inglês e
Espanhol.

PRIMEIRA EDIÇÃO ▶ ABRIL 2025 ◀

Equipe editorial:

Ricardo Ávila Pinto
Diretor

María Teresa Santos
*Coordenadora
Geral*

Juan Carlos Bermúdez
Editor Geral

Colaboradores

Christian Asinelli
Antonio H. Pinheiro
Silveira
Verónica Frisancho
Reinier Schliesser
Yolanda Gómez
Ana Luz Castillo
Enrique Patiño
Diego Rubio
Vanessa Castro
Michael Cruz

**Tradução inglês
e português**
Beatriz Torres Ibarra

Conceito gráfico
Sandra Rojas

Design e infografia
Sandra Rojas
Leonardo Parra
Katherine Orjuela

Ilustrações
Leonardo Parra

Correção de estilo
Liliana Tafur

Fotografias
Arquivo CAF
Arquivo EL TIEMPO
Arquivos particulares
iStock

- ▶ Um projeto desenvolvido pelo CAF – banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe – e a Casa Editorial EL TIEMPO em associação com a Agencia de Contenido Especial (ACE).
- ▶ Impresso por Panamericana Formas e Impresos S.A.
- ▶ Impresso na Colômbia, Printed in Colombia

Conteúdo

EDITORIAL

- 6** **Um novo espaço para refletir e dialogar**
"Com 'Visões do Desenvolvimento', o CAF reafirma seu compromisso com o desenvolvimento sustentável e inclusivo de, por e para nossa região": Sergio Díaz-Granados.

EM BREVE

- 7** **Declaração Chicó-Bogotá e uma agenda pela biodiversidade positiva**
Avança o compromisso do CAF com a comunidade científica regional para buscar o desenvolvimento da LAC protegendo a biodiversidade.

CAPA

- 9** **Encontrando o rumo: as possibilidades da América Latina e do Caribe em um novo mapa global**
A região deve se preparar para aproveitar as oportunidades que surgem da nova geometria global, com um esforço centrado em tecnologia, sustentabilidade e geopolítica.

PONTO DE VISTA

- 16** **Empresas da América Latina e do Caribe no novo contexto comercial**
Com políticas públicas adequadas, cooperação regional e visão de longo prazo, os desafios de hoje podem se tornar



uma plataforma de crescimento e competitividade: Antonio Silveira.

- 18** **Um futuro desafiador, mas promissor**
Segundo o CAF, o crescimento regional de 2025 estará em torno de 2,5%, alinhado ao potencial de crescimento de longo prazo. Verónica Frisancho e Reinier Schliesser.

- 22** **CAF, uma ponte para o desenvolvimento da América Latina e do Caribe**
"Somos uma verdadeira região solução para os problemas globais e temos tudo que é necessário para crescer": Christian Asinelli.

ECONOMIA VERDE

- 23** **O triplo desafio da transição energética**
É indispensável fechar as lacunas do subdesenvolvimento, otimizar a produtividade e envolver a população na provisão e acesso às energias limpas.

- 28** **América Latina e o Caribe, região de soluções**

O trabalho feito nas cúpulas ambientais de 2024 abriu um caminho para a COP30 climática que ocorrerá no final deste ano em Belém do Pará (Brasil).

- 34** **Troca de dívida pelo rio Lempa, marco e modelo para o mundo**

A maior conversão de dívida por natureza da história permitirá a El Salvador garantir a sustentabilidade de sua principal fonte de água e energia.

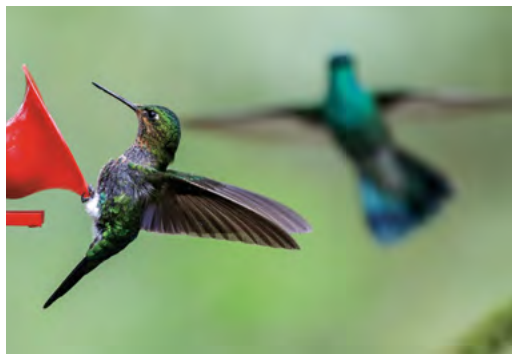
CONHECIMENTO E AÇÃO

- 36** **Os RED: 20 anos gerando dados e análises**

O relatório RED tornou-se uma ferramenta que apoia os países da LAC na tomada de decisões fundamentadas. Um livro interativo revisa o caminho percorrido.

- 39** **A marca que projetará a região ao mundo**

América Latina e o Caribe agora contam com uma imagem para



sua promoção como destino turístico e de investimentos, e região solução.

FINANÇAS

40 Dois anos como detentor de Direitos Especiais de Giro (DEG)

Com o instrumento dos DEG, adicionou-se uma nova alternativa para apoiar operações financeiras dos países acionistas com seus recursos e sua classificação de crédito.

42 A cada dia laços mais fortes com o Caribe

A expansão do CAF pelos países insulares levará a ser o banco de desenvolvimento com mais cobertura na América Latina e no Caribe.

DESENVOLVIMENTO SOCIAL

44 Governança inclusiva, alavanca para erradicar a pobreza

Um poder político que reflita todos os setores da sociedade facilitará o desenho de políticas para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, dizem CAF e PNUD.

48 Timbiquí, origem do plano de escolas modulares para áreas rurais

Um teste piloto, realizado no Pacífico colombiano, deu luz verde à iniciativa do CAF de fazer sedes educacionais com altos padrões de infraestrutura em locais remotos.

50 'A arte da resiliência'

Esta produção audiovisual, impulsionada pelo CAF, PNUD e Detonante, torna visíveis comunidades que se tornaram exemplos de força e determinação.

ECONOMIA DIGITAL

52 IA, ferramenta para a transformação

As tecnologias que simulam a inteligência humana estão permitindo fazer mais com menos recursos. Elas trazem riscos, mas também grandes oportunidades.

ASSUNTOS REGIONAIS

54 Segurança, o grande desafio

O aumento da criminalidade

não afeta apenas o crescimento econômico e o desenvolvimento social, mas também a confiança de seus cidadãos na democracia. O que fazer?

58 Turismo em LAC, grande oportunidade

A tendência atual do setor é buscar experiências naturais, étnicas e culturais. América Latina e o Caribe as oferecem todas.

62 A devoção de Carlos Vives por La Perla

O cantor colombiano tem uma fundação que trabalha pelo desenvolvimento de sua cidade natal, Santa Marta, que este ano completa 500 anos de existência.



LIVROS

64 Publicações

Uma olhada tanto nas publicações editadas pelo CAF quanto nos produtos de alianças com outras instituições ou com referências dos temas.

ENTREVISTA

66 "América Latina e o Caribe têm o capital mais valioso": Jeremy Rifkin

O renomado sociólogo, economista e líder ambiental americano diz que a região pode ser emblema da Terceira Revolução Industrial.

Um novo espaço para refletir e dialogar

EDITORIAL

Sergio Díaz-Granados

Presidente Executivo do CAF
-banco de desenvolvimento da
América Latina e do Caribe-



Em um contexto global incerto, com um crescimento global fraco (cerca de 3%), guerras enraizadas em várias regiões, tensões comerciais cada vez mais áspers, brechas socioeconômicas que continuam a se ampliar, crispação política, crise do multilateralismo e os sempre presentes efeitos da mudança climática, o planeta enfrenta crises interconectadas que definirão nosso destino nas próximas décadas. A América Latina e o Caribe devem se posicionar neste clima de *permacrisis*, ao mesmo tempo em que continua trabalhando para cumprir dívidas históricas como a erradicação da pobreza, a redução das desigualdades ou o aumento da produtividade. Devemos aproveitar todo o nosso

potencial, por exemplo, para liderar a ação climática global e a proteção da biodiversidade, para contribuir com soluções para as crises migratórias e de alimentos, ou para acelerar a transformação digital e a transição energética. Em outras palavras, devemos ter um papel mais ativo, uma voz mais firme e uma presença mais visível na geopolítica global.

Nesse contexto nasce a revista *Visões do Desenvolvimento*, elaborada pelo CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe–, uma iniciativa necessária para refletir, debater, compartilhar vozes, pontos de vista, propostas e projetos que nos articulem melhor como região; que contribuam para a construção da identidade latino-americana e caribenha. A revista também servirá como plataforma para visibilizar nossas forças e promover um diálogo construtivo com outras regiões do planeta.

Visões do Desenvolvimento abordará os grandes temas do desenvolvimento global com óticas latino-americanas e caribenhas, apresentará iniciativas e casos de sucesso que podem ser replicáveis entre países da região e exportáveis para o resto do mundo. Na primeira edição temos uma entrevista com o sociólogo e escritor Jeremy Rifkin, que nos fala sobre seu livro *Planeta Aqua*, e sobre a importância da América Latina e do Caribe para nos adaptarmos às mudanças climáticas.

Também analisamos, em uma série de artigos, a situação da economia latino-americana em tem-

pos de incerteza, incidindo nas oportunidades das novas cadeias globais de valor, no clima geopolítico mutante, fatores macroeconômicos e fiscais, ou as vias para retomar o crescimento inclusivo. Em outra seção analisamos como a América Latina e o Caribe se afirmam como protagonistas tanto da transição energética e da resiliência climática quanto da recuperação e conservação da biodiversidade universal.

Esta primeira edição da nova revista também tem espaço para projetos avançados pelo CAF que estão marcando tendência, como a maior conversão de dívida por natureza da história em El Salvador, ou a construção de uma escola com tecnologia modular em Timbiquí, Colômbia, que está levando educação de qualidade para uma região remota do país. E também trata temas como a ética da inteligência artificial, integração regional, oportunidades do turismo e a necessidade de uma governança inclusiva, entre outros.

Visões do Desenvolvimento é, portanto, uma resposta à necessidade de reposicionar a América Latina e o Caribe no mundo. Com este espaço, o CAF reafirma seu compromisso com o desenvolvimento sustentável e inclusivo de, por e para nossa região. Convidamos acadêmicos, líderes sociais, empresários e toda a comunidade internacional a se juntarem a esta iniciativa, contribuindo com suas perspectivas e conhecimentos para construirmos juntos um futuro mais próspero para a América Latina e o Caribe. 🌐

EM BREVE

Notícias



O GLACIAR PERITO MORENO NA PATAGÔNIA ARGENTINA.

Esta região, compartilhada por Argentina e Chile, abriga o terceiro maior sistema de gelo do mundo. → Foto - Alejandro Ramirez Peña

Declaração Chicó-Bogotá inspira uma agenda por Biodiversidade Positiva

Com a “Declaração de Chicó-Bogotá para uma Biodiversidade Positiva na América Latina e Caribe: da ciência à ação”, o CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe– e a comunidade científica regional concordaram no ano passado em se unir para enfrentar o desafio do desenvolvimento econômico da LAC protegendo seu ativo mais valioso: sua biodiversidade e natureza. Como resultado desse compromisso, surgiu uma agenda de biodiversidade positiva com três pilares: a integração da ciência na formulação de políticas, o financiamento de projetos com impacto positivo

em biodiversidade e clima, e o fortalecimento de redes de colaboração técnica regional. Além disso, foi criado um comitê consultivo científico que colaborará com governos, organismos multilaterais e o setor privado para gerar recomendações baseadas em evidência científica, identificar áreas prioritárias de investimento em conservação e desenhar mecanismos financeiros para projetos de sustentabilidade. Adicionalmente, o CAF destinará fundos para financiar iniciativas de restauração de ecossistemas, e promover soluções baseadas na natureza e a gestão sustentável de recursos naturais.



“Acreditamos que não devemos nos limitar a explorar a natureza e excluir aqueles que a protegem, mas aprender com ela para projetar um futuro mais verde”.

Declaração Chicó-Bogotá

Apoio financeiro ao desenvolvimento portuário sustentável do Chile

O Conselho de Administração do CAF – banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe – aprovou em Santiago um crédito de 150 milhões de dólares para o megaprojeto Porto Exterior de San Antonio.

O CAF acabou de reafirmar seu apoio ao desenvolvimento sustentável do Chile ao aprovar, por meio de seu conselho, um empréstimo de 150 milhões de dólares para obras relacionadas com o megaprojeto Porto Exterior de San Antonio, o maior investimento em infraestrutura portuária realizado no país austral.

O crédito a favor da Empresa Portuária San Antonio, com garantia da República do Chile, financiará a execução de obras habilitadoras para a construção do molhe de abrigo e a implementação de medidas de compensação ambiental associadas à expansão da principal porta de entrada para os centros de consumo do país e importante via de exportação. O projeto é crucial para a comuna e para a província de San Antonio.



Assim, “o CAF se consolida como um financiador multilateral de relevância para o desenvolvimento sustentável e a integração regional do Chile, ao mesmo tempo que oferece soluções tangíveis aos desafios logísticos da América Latina”, afirmou Sergio Díaz-Granados, presidente executivo do CAF.

O Porto Exterior, que está em licitação desde janeiro, terá dois terminais com uma extensão de 1.730 metros cada e, a partir de 2036, poderá receber porta-contêineres de última geração com 400 metros de comprimento.

Representantes do CAF, liderados por seu presidente, Sergio Díaz-Granados (centro), e da empresa Porto de San Antonio, no anúncio do acordo de crédito para o projeto. → Foto - CAF

Com este desenvolvimento, evitar-se-á a futura congestão portuária na macrozona central do Chile, que atualmente movimenta 29% da tonelagem de comércio exterior marítimo do país, e representa 34% das exportações e 71% das importações por valor.

67.000

MILHÕES DE DÓLARES EM BÔNUS

Somente em 2024, o CAF realizou 29 emissões de bônus totalizando 7.000 milhões de dólares, em 11 moedas diferentes, estruturados com 18 instituições financeiras diferentes. Ao longo de mais de três décadas, o CAF reforçou seu compromisso com o crescimento sustentável, tendo realizado mais de 407 emissões de bônus desde 1993, superando os 67.000 milhões de dólares nos mais importantes mercados internacionais de capital dos Estados Unidos, Europa, Ásia, Oceania e diversos países da América Latina.



Michelle Bachelet*,
ex-presidente do Chile

**Durante a apresentação da edição comemorativa dos 20 anos do Relatório de Economia e Desenvolvimento (RED) do CAF.*

“

“O crescimento econômico deve ser prioritário na região para continuar avançando em direção ao desenvolvimento, mas deve ser inclusivo e sustentável. A adaptação à tríplice crise planetária —mudança climática, poluição e perda de biodiversidade— é indispensável.”

CAPA

Encontrando o rumo:

AS POSSIBILIDADES DA AMÉRICA LATINA E
DO CARIBE EM UM NOVO MAPA GLOBAL





À medida que o ambiente do comércio internacional se torna mais tenso e uma nova geometria global emerge, a região deve se preparar para aproveitar as oportunidades que surgem, um esforço centrado em três fatores-chave: tecnologia, sustentabilidade e geopolítica.

Durante o primeiro trimestre de 2025, as buscas no Google pela palavra “tarifa” alcançaram um novo recorde histórico mundial, quadruplicando a atividade registrada um ano antes. Esse termo, sendo o de maior crescimento nas pesquisas recentemente, ao menos no que diz respeito à economia, reflete as preocupações da opinião pública nos cinco continentes sobre os novos ventos que sopram no cenário internacional.

Além das opiniões que cada um pode ter sobre as decisões individuais de tal ou qual país, emerge um cenário diferente. Como aponta um artigo recente do Fórum Econômico Mundial, “o ambiente do comércio global está se tornando mais incerto para os negócios”.

Vale ressaltar que a deterioração não é totalmente nova. Segundo a organização Global Trade Alert, o número de políticas protecionistas no mundo aumentou de cerca de 600 em 2017 para aproximadamente 3.000 anualmente em 2022, 2023 e 2024.

Uma nova realidade

Parece, no entanto, que esses registros serão superados este ano, à medida que decisões unilaterais de um lado são respondidas com sanções equivalentes às do outro. Tanto pelo tamanho de seu comércio com outras regiões quanto por seu peso

na economia mundial, o fato de os Estados Unidos agora liderarem o aumento das tarifas introduz novos elementos na equação.

Ninguém sabe ao certo qual será o efeito do que constitui uma verdadeira mudança de paradigma, entre outras razões porque algumas das consequências levarão anos para se manifestar. Enquanto isso, a incerteza prevalece e se estende por todo o globo.

A América Latina e o Caribe não estão alheios a esse sentimento. Após quase uma década de crescimento medíocre, inferior à média mundial, a região precisa avançar mais rapidamente para melhorar seus indicadores sociais e de bem-estar.

Como se posicionar melhor dentro de um mapa mundial em mudança é uma preocupação válida que merece respostas adequadas. Embora a solução passe por implementar políticas domésticas que garantam a boa gestão macroeconômica e estimulem o investimento sustentável, não se pode perder de vista o que acontece no cenário internacional.

Para começar, porque um desempenho dinâmico depende não apenas do consumo interno, mas também de saber aproveitar as oportunidades no âmbito externo. Basta lembrar que, segundo cálculos da Cepal, em 2024 as exportações de bens latino-americanos e caribenhos atingiram 1,47 trilhões de dólares e as de serviços 267.601 milhões



de dólares, com aumentos respectivos de 4% e 12% em relação ao ano anterior.

Um dos desafios mais importantes no nível regional é saber inserir-se nas cadeias globais de valor que ainda existem, apesar da fragmentação entre blocos de nações agora ser mais a norma do que a exceção. Capitalizar as oportunidades é possível, mas isso requer capacidade de adaptação às novas circunstâncias e a implementação de estratégias adequadas.

Existem várias análises judiciosas que identificam tendências e fazem propostas concretas. Uma delas, que olha para a nova geometria internacional, foi publicada há meses¹, sob o patrocínio do CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe– e em parceria com o Americas Institute da Universidade de Georgetown em Washington. Escrito por Antoni Esteveadeordal, Theodore Kahn e Alejandro Werner,

o documento contém contribuições importantes que servem para reagir em um ambiente ainda mais complicado por confrontos comerciais.

Resumo breve

Vale a pena lembrar o contexto recente no qual a economia mundial se movimentou, após o auge da globalização ocorrido no final do século passado e início deste. A crise financeira internacional que eclodiu no final de 2008 trouxe consigo um primeiro sinal de alerta que resultou em um ritmo mais lento no comércio intrafronteiriço, nos fluxos de investimento e na expansão das multinacionais.

Após esse primeiro contratempo, outros eventos complicaram ainda mais o cenário. Para começar, as disputas comerciais entre os Estados Unidos e a China, que incluíram na segunda metade da década passada não apenas tarifas mais altas, mas restrições explícitas à compra e ven-

As flores são um item importante de exportação para vários países da região, cujo comércio internacional continua muito concentrado em bens primários.

→ Foto - Mauricio Moreno / EL TIEMPO

da de componentes eletrônicos e microprocessadores. De forma mais limitada, a saída da Grã-Bretanha da União Europeia, devido ao Brexit, impactou o esquema de integração mais importante do planeta.

Poucos anos depois, chegaria a pandemia, cujos efeitos não se limitaram ao plano sanitário, mas afetaram a economia e o andamento das sociedades. Justo quando parecia que o retorno à normalidade estava assegurado, a invasão da Rússia

¹América Latina na nova geometria das cadeias de fornecimento global. Antoni Esteveadeordal, Theodore Kahn e Alejandro Werner. Georgetown Americas Institute. 2024

Macrorrueda internacional de negócios em Barranquilla. A profundização do comércio intrarregional é uma das grandes necessidades.

→ Foto - Vanexa Romero / EL TIEMPO



à Ucrânia, juntamente com a deterioração da situação no Oriente Médio, trouxe novas emergências.

Além dos distúrbios que os eventos mencionados implicaram para o livre movimento de pessoas e mercadorias, incluindo um aumento inesperado na inflação, as tensões geopolíticas aumentaram. Tais urgências combinaram-se com a preocupação de conter o aquecimento global e o surgimento de fontes de energias renováveis não convencionais.

Alguns dos fatos destacados fizeram com que, no início desta década, alguns fluxos comerciais mostrassem variações significativas. Por exemplo, o México passou a ser a principal fonte de importações dos Estados Unidos, deslocando a China.

Junto com essa mudança, ocorreu um processo de realocação de fábricas, notável tanto na Ásia quanto em alguns pontos da América Latina e do Caribe (LAC). Assim, o Vietnã ganhou participação, enquanto o território mexicano, junto com a República Dominicana e Costa Rica em menor grau, recebeu maiores fluxos de investimento estrangeiro direto.

Agora, em meio aos ventos cruzados que incluem a ruptura ou o congelamento de alianças de longa data, aos quais se somam questionamentos sobre o futuro da economia mundial, pode haver a inclinação para adiar certas decisões relacionadas a novos projetos. No entanto, os

desafios de curto e médio prazo que trazem as barreiras protecionistas e os conflitos comerciais de duração indeterminada não alteram o curso de movimentos de caráter mais fundamental.

Os elementos

O trabalho sobre a nova geometria centra-se em três fatores que foram, são e serão determinantes no andamento do comércio global: tecnologia, sustentabilidade e geopolítica. Apesar das ameaças que surgem, o volume alcançado é de tal magnitude que retroceder não será fácil.

De acordo com a Unctad, agência das Nações Unidas, em 2024 foi alcançado um novo recorde histórico de 33 trilhões de dólares no inter-

câmbio de bens e serviços, um trilhão a mais que no ano anterior. Embora ambas as categorias tenham crescido, o dinamismo da segunda, com um aumento de 7%, foi determinante para o resultado.

Para Estevadeordal, Kahn e Werner, a evolução observada ao longo das décadas passadas é consequência da mudança tecnológica que se manifesta em avanços no transporte e nas comunicações. Fatos como a adoção de contêineres no transporte marítimo ou a Internet foram decisivos para reduzir custos e facilitar a especialização que leva à separação geográfica de diferentes elos, que acabam fazendo parte das cadeias globais de valor.

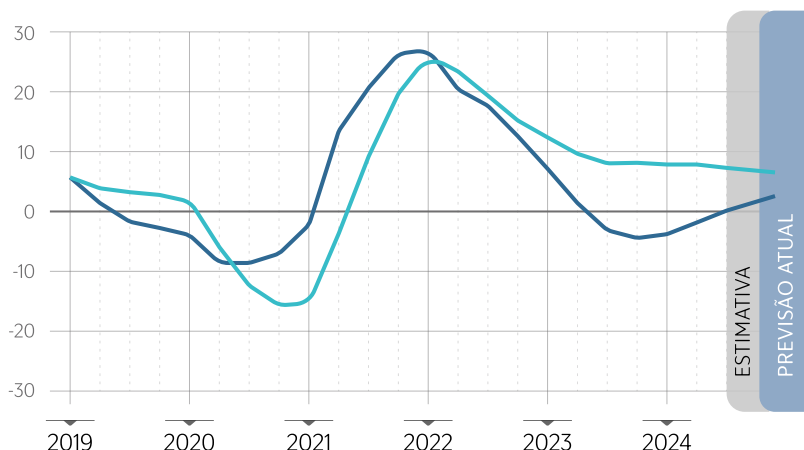
Para o futuro, o desdobramento da inteligência artificial, robóti-

O comércio global de bens e serviços mostrou crescimento constante em 2024

Crescimento anual do valor do comércio de bens e serviços 2019 (T1)-2024 (T4)

Fonte: UNCTADstat; cálculo da UNCTAD baseado em estatísticas nacionais.

SERVIÇOS
BENS



Nota: O crescimento anual é calculado utilizando a média móvel ponderada do comércio dos últimos quatro trimestres. O terceiro trimestre de 2024 é uma estimativa e o quarto, uma previsão de 26 de novembro de 2024.

ca avançada, manufatura aditiva, Internet das coisas e análise de dados em grande escala, servirão para tornar os processos mais eficientes e abrirão novas oportunidades tanto no campo dos bens quanto dos serviços. Tais progressos influenciarão decisões como a localização de fábricas. Por exemplo, a automação torna menos crítica a busca por mão de obra mais barata.

Não menos importante é o ênfase na sustentabilidade em um planeta que sente de forma incremental os efeitos da mudança climática. Embora o foco em acelerar a descarbonização varie, as transformações estão à vista.

De acordo com o relatório mais recente da Agência Internacional de Energia, há em andamento uma mudança profunda nas fontes e usos da eletricidade. No caso das primeiras, a capacidade instalada das plantas renováveis de baixas emissões chegou a cerca de 700 gigawatts em 2024. Devido a isso, nos Es-

tados Unidos, os parques eólicos e solares já representam 16% da geração, enquanto na China a proporção é de 20%.

Parte do que aconteceu está relacionada com a diminuição no valor dessas tecnologias e do custo crescente que se atribui às maiores pe-

1,47

TRILHÕES DE DÓLARES SOMARAM AS EXPORTAÇÕES DE BENS LATINO-AMERICANOS E CARIBENHOS EM 2024, SEGUNDO CEPAL, E AS DE SERVIÇOS ALCANÇARAM OS 267.601 MILHÕES DE DÓLARES, COM AUMENTOS RESPECTIVOS DE 4% E 12% FRENTE AO ANO ANTERIOR.

gadas de carbono. É de supor que a tendência observada vai continuar e poderia avançar mais rápido dependendo da existência de sistemas de armazenamento eficientes de grande tamanho por conta de baterias mais poderosas que as atuais.

A isso se soma a previsão de que os centros de dados que demandará a expansão da inteligência artificial impulsionarão fortemente uma demanda de energia que hoje cresce duas vezes o ritmo da economia global. Mais instalações e redes de distribuição, entre outros, levarão a que aumente o apetite por minerais críticos como lítio, cobre, níquel ou cobalto.

Tais previsões serão influenciadas pelo que acontece no terreno geopolítico. Dado o esfacelamento de alianças que pareciam sólidas, no panorama há mais dúvidas que certezas. Ainda assim, parece válido afirmar que as tensões entre os Estados Unidos e a China continuarão, com ênfase em comércio e tecnologia. Igualmente, a Europa caminha para cuidar de sua própria defesa e o Canadá parece decidido a estabelecer pontes com outras regiões.

Quanto a boa parte das economias emergentes, a não alinhamento com nenhuma potência global ou regional parece ser a norma. As turbulências políticas, a polarização da opinião e a presença do populismo dão a impressão de continuar presentes, algo que terá repercussões no clima de negócios e nas correntes de comércio.

Da crise à oportunidade

Diante deste cenário, a América Latina e o Caribe mostram uma série de luzes e sombras. Junto a recursos naturais incomparáveis que incluem geografia, biodiversidade, terra, água e jazidas minerais, surgem outras realidades em uma região que, com exceção do México, continua focada na exportação de bens primários e tem um papel muito discreto nas cadeias globais de valor.



“Tem muito a ganhar
nesta realidade
internacional
mutável, mas nada
acontecerá por
geração espontânea.
É obrigatório fazer
a tarefa.”

Alejandro Werner
Diretor do Georgetown
Americas Institute

Abrigar uma população jovem e
relativamente bem-educada abre
espaços para a América Latina e o
Caribe na área de serviços profissionais.

→ Foto - Juan Pablo Rueda / EL TIEMPO

No entanto, existe um grande campo de ação. As recomendações feitas por Estevadeordal, Kahn e Werner são precisas e mostram como aproveitar as oportunidades que um futuro cheio de desafios traz.

Elas começam com a possibilidade de se beneficiar e capturar valor no meio da transição tecnológica digital em andamento. Além de aproveitar as fontes de energia limpa com as quais conta para promover a construção de centros de dados associados à inteligência artificial, o fato de abrigar uma população jovem e relativamente bem-educada abre espaço na área de serviços profissionais. Aqui, a prioridade é reduzir barreiras e estabelecer um bom quadro regulatório que facilite o investimento local e estrangeiro, bem como o uso de habilidades locais.

Como segundo tema, os autores abordam o potencial do crescimento verde, em uma área cuja matriz de geração de eletricidade é não po-

luyente na maioria. Pavimentar o caminho para o desenvolvimento de tecnologias limpas como o hidrogênio verde passa igualmente pela busca por uma maior eletrificação do transporte e pela colaboração entre a academia e a indústria. Métodos sustentáveis de produção permitirão não apenas acessar mercados atraentes, mas também preservar a riqueza natural que é chave para a vida no planeta.

Um terceiro ponto é conseguir atrair investimentos em meio aos riscos geopolíticos crescentes. A favor dos países latino-americanos e caribenhos, eles estão localizados em um território livre de tensões fronteiriças onde não existem armas de destruição em massa.

Tais qualidades tornam mais fácil se mover em um mundo multipolar e permitem a diversificação de mercados, o que exige atividade diplomática, participação em fóruns internacionais e negociação de tra-

tados de livre comércio. Esse esforço precisa vir acompanhado de regras de jogo estáveis e marcos jurídicos confiáveis, além de avanços no combate à corrupção e ao crime.

Além disso, surge o ponto de desenvolver alianças em outras latitudes com o objetivo de impulsionar iniciativas de políticas globais mutuamente benéficas. Aproximar-se da União Europeia, que recentemente assinou um pacto com o Mercosul, ou aprofundar vínculos com os Estados Unidos é uma opção, assim como estabelecer pontes na Ásia.

A lista conclui com a agenda da integração regional e global, ainda pendente de avanços contundentes. Como é conhecido, o comércio inter-regional na LAC é inferior a 15% do total, muito abaixo do observado em outras áreas.

Realizar a tarefa pendente passa por promover a convergência de uma série de normas, começando pelas regras de origem. Em vez do patchwork que surge de múltiplos tratados, a proposta é a unificação em um único regime, o que permitiria usar insumos de um país sem que o outro veja comprometido seu acesso preferencial a um mercado.

Adicionalmente, aparece o objetivo de tomar medidas de facilitação do comércio que impulsionem a conectividade no hemisfério. Quebrar os gargalos que elevam os custos de transação e limitam o fluxo de bens é uma prioridade. Medidas como a janela única ou as iniciativas de coordenação fronteiriça poderiam criar círculos virtuosos.

Por último, está a insistência em prosseguir pelo caminho do regionalismo aberto. Como mostra a evidência disponível, um maior nível de intercâmbio de bens e serviços que venha acompanhado da livre mobilidade dos capitais impactaria positivamente o crescimento latino-americano e caribenho. A agenda de coisas a fazer é extensa, mas a oportunidade está aí em um mundo que aponta para ser mais, e não menos, complexo. 🌐



TRÊS PERGUNTAS PARA

Alejandro Werner



‘Agora faz ainda mais sentido um verdadeiro processo de integração regional’

Alejandro Werner², diretor do Georgetown Americas Institute, diz que o desafio dos governos da região é colocar a economia acima da política.

Como você vê a América Latina e o Caribe nesta nova geometria global?

Diria que agora faz ainda mais sentido um verdadeiro processo de integração regional, algo que inclui tanto bens quanto serviços. E não me refiro apenas ao comércio, mas também à regulamentação, à infraestrutura física ou às redes de transmissão elétrica, além dos mercados financeiros.

Qual é o desafio que você identifica?

O de colocar a economia acima da política. Apesar de termos governos que representam ideolo-

gias muito diferentes, é necessário buscar a intersecção de interesses comuns e trabalhar no seu desenvolvimento. Também é preciso expandir o leque e trabalhar com aqueles países que buscam integrar-se e que não desejam uma maior fragmentação do que a que está sendo insinuada.

O que o preocupa com o que você vê?

É uma pena que encontro poucas pessoas em nossas capitais pensando nesses temas. Faltam iniciativa e lideranças regionais para trabalhar em algo que nos fortaleceria coletivamente e nos permitiria crescer mais rapidamente. Temos muito a ganhar nesta realidade internacional mutável, mas nada acontecerá por geração espontânea. É obrigatório fazer a tarefa.

² Diretor do Georgetown Americas Institute, ex-diretor do Departamento do Hemisfério Ocidental do Fundo Monetário Internacional, ex-subsecretário de Finanças e Crédito Público da Secretaria da Fazenda do México.

Empresas da América Latina e do Caribe no novo contexto comercial



PONTO DE VISTA

Antonio Silveira

Vice-presidente do CAF
—banco de desenvolvimento
da América Latina e do Caribe—
para o Setor Privado

Nos últimos anos, o comércio global tem experimentado transformações significativas. Para a América Latina e o Caribe (LAC), esta mudança representa tanto um desafio quanto uma oportunidade. Embora existam incertezas e barreiras para as exportações, também se abrem portas para diversificar mercados, aprofundar a integração regional e consolidar um modelo econômico mais autônomo e sustentável.

Para aproveitar o novo cenário comercial, devemos, em primeiro lugar, diversificar os mercados e ampliar as relações comerciais com outras regiões.

A Ásia, em particular, surgiu como um mercado atraente para as exportações latino-americanas, especialmente em setores como alimentos, recursos naturais e uma grande diversidade de produtos manufaturados.

Da mesma forma, a União Europeia (UE) oferece oportunidades para os produtos latino-americanos, especialmente no contexto dos acordos comerciais vigentes. Em 2024, as importações da UE de nossa região experimentaram um aumento de 1,9% em comparação com o ano anterior, revertendo a tendência de queda de 2023, quando se registrou uma diminuição de 6,4%.

O fortalecimento das relações com esses mercados permitirá às empresas da região latino-americana e caribenha encontrar novas fontes de demanda para seus produtos e serviços.

O novo ambiente comercial também nos obriga a aumentar a integração regional. Blocos como a Aliança do Pacífico e o Mercosul têm a oportunidade de reforçar seus acordos e facilitar o comércio intrarregional. Atualmente, apenas 17% do comércio da região ocorre entre países da LAC, muito abaixo dos 60% observados na Europa. A eliminação de barreiras tarifárias e a harmonização de normas técnicas e de qualida-

de podem contribuir para a consolidação de um mercado regional mais dinâmico e atraente.

O contexto atual também oferece uma oportunidade para que as empresas latino-americanas continuem apostando na inovação e na sustentabilidade como diferenciadores no mercado global. A crescente demanda por produtos sustentáveis e éticos nos mercados internacionais representa um nicho no qual a LAC pode se destacar. Em 2023, as exportações de produtos ecológicos da região cresceram 18% e alcançaram 10 bilhões de dólares. Investir em práticas de produção responsáveis, eficiência energética e redução da pegada de carbono pode melhorar a posição da região em mercados exigentes como a UE e a Ásia.

Apesar da incerteza econômica global, a LAC tem a oportunidade de atrair investimento estrangeiro direto se conseguir se consolidar como uma região estável e com regras claras para os negócios. Um foco chave nesse sentido é o desenvolvimento de infraestrutura logística e de transporte que permita melhorar a conectividade dentro da região e com o resto do mundo. Atualmente, a lacuna de investimento em infraestrutura na América Latina é de 150 bilhões de dólares anuais, o que represen-



ta um desafio, mas também uma grande oportunidade para atrair financiamento e modernizar a região.

Setores como a produção de minerais estratégicos e a geração de energias renováveis e sustentáveis oferecem a oportunidade de se tornarem motores de investimento e de criação de cadeias de valor com alto conteúdo tecnológico, empregos de qualidade e, sem dúvida, um maior desenvolvimento sustentável.

Para apoiar o setor privado da região, o CAF impulsiona três pilares estratégicos. O primeiro é a transição energética e os negócios verdes, promovendo energias renováveis, tecnologias como o hidrogênio e o gás natural e apoiando as pequenas e médias empresas.

O segundo é a equidade e inclusão, que visa facilitar o financiamento para mulheres empreendedoras, populações indígenas, afrodescendentes e pessoas com deficiência. E o terceiro é a produtividade e competitividade, que busca transformar empresas, especialmente pequenas e médias, por meio de financiamento, assistência técnica e programas para fomentar a exportação e a digitalização.

As empresas da LAC têm em suas mãos a possibilidade de redefinir sua estratégia em um mundo em transformação. Com o apoio adequado de políticas públicas, cooperação regional e uma visão de longo prazo, a região pode transformar os desafios atuais em uma plataforma para seu crescimento e competitividade global. 

O novo ambiente comercial força a região a aumentar o comércio com outros mercados além dos Estados Unidos, mas também a aprofundar a integração intrarregional.

→ Foto - Juan Pablo Rueda / EL TIEMPO



“Apesar da incerteza econômica global, a LAC tem a oportunidade de atrair investimento estrangeiro direto se conseguir se consolidar como uma região estável e com regras claras para os negócios”.

PONTO DE VISTA

Por Verónica Frisancho & Reinier Schlisser

Gerente de Conhecimento e economista principal do CAF
—banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe—



Um futuro desafiador, mas promissor



Uma possível estabilização dos mercados de commodities poderia apoiar o crescimento da região, altamente dependente delas.

→ Foto - Mauricio Moreno / EL TIEMPO

Estimativas do CAF indicam que o crescimento econômico da região em 2025 poderia chegar a 2,5%, alinhado com o crescimento potencial de longo prazo. As políticas da nova administração dos Estados Unidos geram interrogações.



A pandemia de covid-19 marcou um antes e um depois na América Latina e no Caribe (LAC). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a LAC foi a região mais afetada pelo coronavírus em termos de mortalidade per capita. Após vários anos de baixo crescimento, a pandemia teve um impacto profundo na região, refletido numa contração do PIB de 6,9% em 2020, uma perda massiva de empregos (estimada em 26 milhões) e o aumento dos níveis de pobreza e desigualdade.

A pandemia nos confrontou com desafios sem precedentes, mas também deixou lições fundamentais que devemos transformar em ação para construir um futuro mais resiliente, inclusivo e sustentável. Após um ano mais de desaceleração econômica na região, 2024 é um bom momento para refletir e repensar um caminho de crescimento e desenvolvimento.

LIÇÕES DA PANDEMIA

A pandemia expôs o calcanhar de Aquiles da região: a informalidade. Cerca de metade da população trabalhadora na LAC estava empregada no setor informal em 2020. A paralisação da atividade econômica expôs a vulnerabilidade de milhões de trabalhadores sem acesso à proteção social nem redes de segurança

financeira. Pior ainda, a pandemia gerou um deslocamento para trabalhos mais precários e o aumento na taxa de informalidade. Atualmente, 52% do emprego total é informal, muito acima da taxa de 13% nos países de renda alta (OIT, 2023).

A pandemia também destacou a importância do espaço fiscal. Os países que haviam gerido suas finanças públicas de maneira prudente contaram com maior capacidade para desdobrar pacotes de ajuda, sustentar a renda dos mais vulneráveis e manter suas economias à tona. O Brasil, por exemplo, teve a capacidade fiscal para implementar um amplo programa de transferências monetárias diretas que conseguiu reduzir a taxa de pobreza extrema de 10,8% em 2019 para 4,5% em 2020, contrastando com o aumento observado na maioria dos países da região (OIT, 2021).

No contexto da emergência sanitária e da consequente crise econômica, as instituições monetárias sólidas provaram ser um pilar essencial para garantir a estabilidade econômica e a confiança no sistema financeiro. Bancos centrais independentes e bem geridos conseguiram implementar políticas monetárias expansivas sem comprometer a estabilidade a longo prazo. Isso facilitou uma rápida reação das economias aos estímulos fiscais e monetários, mitigando os impactos mais severos da crise e lançando as bases para uma recuperação rápida.

Vale a pena destacar o alto grau de resiliência que as economias da região mostraram no pós-pandemia. Apesar das profundas quedas iniciais, os estímulos implementados evitaram danos estruturais permanentes na maioria dos países, permitindo que o crescimento retomasse um caminho positivo nos anos seguintes. No entanto, ainda resta a tarefa de transformar a recuperação em crescimento sustentado e de retomar o progresso no fechamento das lacunas sociais e econômicas.

2024: UM ANO DE DESACELERAÇÃO

O ano de 2024 foi um ano de desaceleração para a região. O CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe– projeta um crescimento regional de apenas 1,7%, explicado por fatores tanto internos quanto externos.

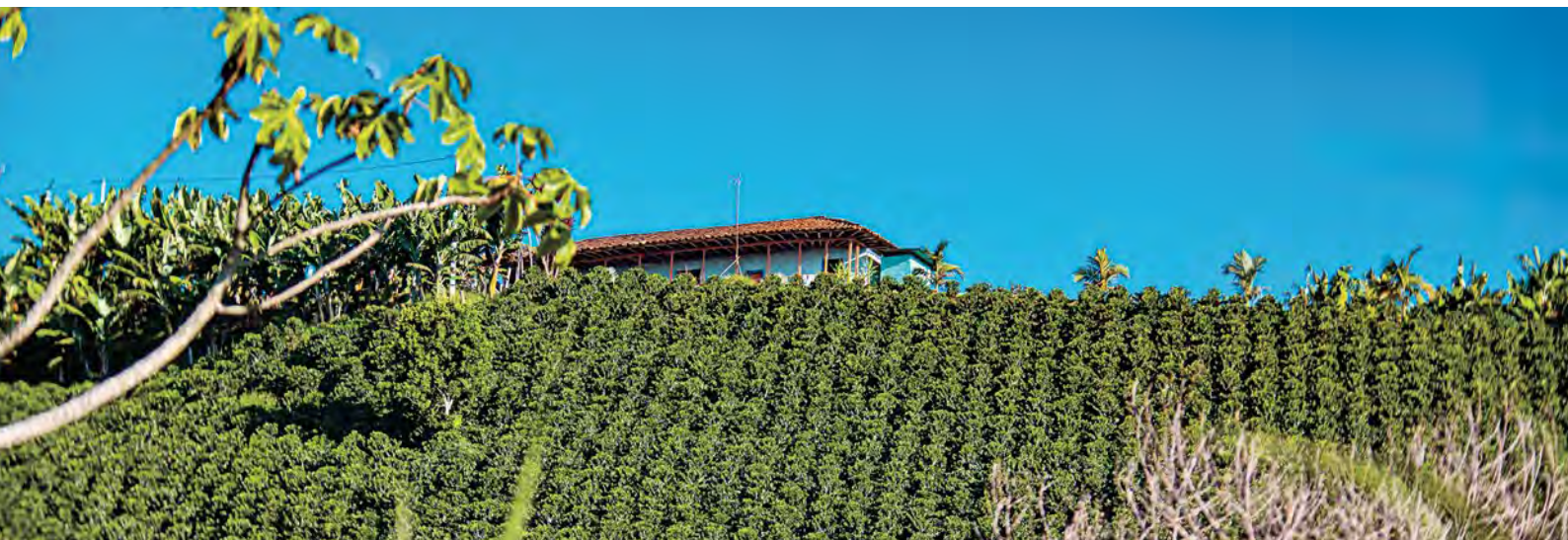
No âmbito interno, a região enfrentou os efeitos de eventos climáticos: tempestades que afetaram algumas das economias no Caribe, bem como secas que afetaram a produção hidrelétrica na região andina e inundações que impactaram áreas agrícolas no restante da América do Sul.

Adicionalmente, a perda de espaço fiscal como consequência da pandemia impulsionou cortes de gastos em algumas economias da região, resultando em um crescimento menor.

No âmbito externo, a LAC enfrentou condições globais menos favoráveis. A desaceleração econômica da China, principal parceiro comercial da maioria das economias sul-americanas, impactou os preços das commodities e prejudicou especialmente os exportadores de hidrocarbonetos e produtos agrícolas. Além disso, as taxas de juros globais continuam elevadas, afetando o custo do financiamento e aumentando as pressões sobre os países mais endividados.



“O crescimento econômico deve ser acompanhado de ganhos de produtividade e uma maior formalização de nossas economias”.



2025: UM HORIZONTE DE ESPERANÇA

Apesar dos desafios atuais, o panorama para 2025 é mais encorajador. Estimativas do CAF indicam que o crescimento econômico da região poderia alcançar 2,5%, alinhado com o crescimento potencial de longo prazo. Este impulso seria impulsionado por vários fatores:

- **A recuperação de economias-chave:** Projetos-se que países como Argentina e Equador experimentem uma melhora significativa, o que contribuirá para o dinamismo regional.
- **Condições monetárias mais favoráveis:** O início do processo de normalização monetária nas principais economias globais e a continuação do processo de relaxamento das políticas monetárias da maioria dos principais bancos centrais da região poderiam aliviar as pressões financeiras e fomentar o investimento e o consumo.
- **Um ambiente externo mais estável:** Embora os riscos persistam, uma possível estabilização nos mercados de commodities e uma maior adaptação das economias ao novo contexto global poderiam apoiar o crescimento.

A biodiversidade e os ecossistemas da região têm um enorme potencial em setores como a agroindústria. → Foto - IStock

TRÊS RISCOS QUE NÃO PODEMOS IGNORAR

Apesar deste horizonte positivo, a América Latina deve gerenciar três riscos que poderiam colocar em perigo a recuperação.

①

Nova política comercial e migratória da administração Trump: As políticas comerciais protecionistas e a implementação do plano de deportações em massa dos Estados Unidos representam um fato significativo para o México e América Central, regiões altamente integradas à economia dos Estados Unidos através do comércio e dos fluxos migratórios. No caso do México, as tensões em torno das tarifas mantêm em suspensão um intercâmbio comercial de mais de 839.000 milhões de dólares e poderiam levar a economia mexicana a um cenário próximo da recessão. Espera-se que as negociações entre os governos de ambos os países consigam evitar isso.

③

Queda nos preços das commodities: Uma maior desaceleração da China poderia impactar negativamente os exportadores de hidrocarbonetos e produtos agrícolas sul-americanos, o que afetaria suas receitas fiscais e sua balança comercial. A prudência fiscal e a flexibilidade nos regimes monetários e cambiais, assim como reduzir as rigidezes nos mercados de trabalho, será crucial para mitigar o impacto que esses riscos poderiam ter sobre as economias da região.

②

Taxas de juros mais elevadas por mais tempo: Os países com altos níveis de dívida, vencimentos a curto prazo e uma forte integração financeira poderiam enfrentar maiores dificuldades para refinarçar as obrigações tanto do setor público como privado, aumentando sua vulnerabilidade e reduzindo o espaço disponível para outros gastos com impacto sobre a atividade doméstica.

OUTRO FUTURO É POSSÍVEL: O CAMINHO PARA A TRANSFORMAÇÃO

Embora os desafios sejam consideráveis, a América Latina tem a capacidade de transformar seu futuro. Para alcançá-lo, devemos aspirar a taxas de crescimento mais elevadas, não apenas para reduzir a pobreza e a exclusão, mas também para garantir a sustentabilidade fiscal e a viabilidade de nossos sistemas de previdência social.

O crescimento econômico deve ser acompanhado de ganhos de produtividade e uma maior formalização de nossas economias. Neste contexto, a transformação digital desempenhará um papel central. Ao complementar as habilidades da força de trabalho, a digitalização pode potencializar a produtividade e abrir a porta para a formalização, especialmente nos serviços não transacionáveis. Esta mudança na política industrial em direção aos serviços é crucial em um contexto com um crescimento acelerado da taxa de dependência que eleva a demanda por serviços de cuidado, saúde e bem-estar.

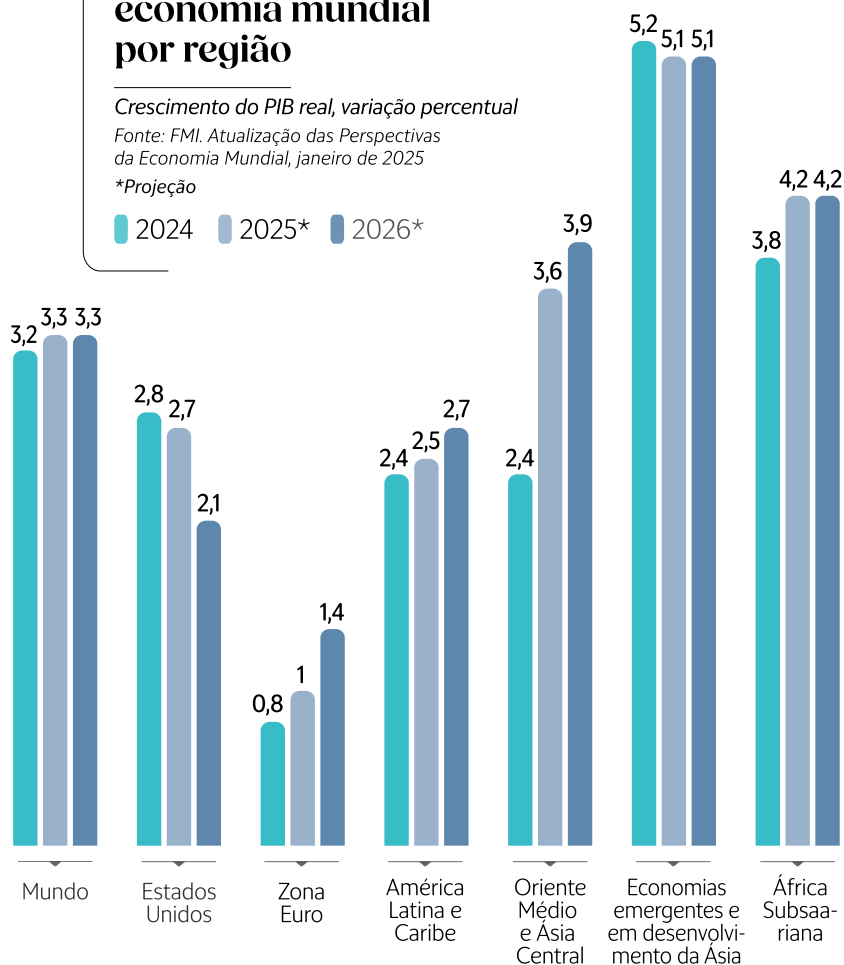
Além disso, a transição energética representa uma oportunidade única para a região. A América Latina conta com uma das maiores riquezas naturais do mundo, que pode ser aproveitada de maneira sustentável para gerar crescimento econômico. A biodiversidade e os ecossistemas da região têm um enorme potencial em setores como a agroindústria, a biotecnologia e o turismo. Por sua vez, a geração de energias limpas e o energy-shoring podem atrair investimentos e melhorar nossa competitividade. A digitalização pode ajudar a potencializar também algumas dessas oportunidades, vale destacar o exemplo de Agrosmart no Brasil, uma plataforma de inteligência climática que aproveitou o uso de dados e inteligência permitindo que a produção de alimentos seja mais eficiente, sustentável e resistente ao clima.

Projeções de crescimento da economia mundial por região

Crescimento do PIB real, variação percentual

Fonte: FMI. Atualização das Perspectivas da Economia Mundial, janeiro de 2025

*Projeção



UMA OPORTUNIDADE HISTÓRICA

As transformações demográficas, tecnológicas e ambientais que o mundo está vivendo representam um contexto sem precedentes para a América Latina. Essas tendências globais apresentam desafios, mas também oferecem a oportunidade de convergir para níveis mais elevados de renda e desenvolvimento humano. Aproveitar essas oportunidades requer um compromisso coletivo e uma visão de longo prazo.

A banca multilateral tem um papel importante a desempenhar como organismo habilitador e supervisor da ação coordenada dentro de cada país e entre países para potencializar a realização dos objetivos de de-

envolvimento dos países da região. Sua liderança, juntamente com sua capacidade de financiamento e apoio técnico, é fundamental para guiar os esforços de política que a agenda pendente da LAC requer. No entanto, a magnitude do desafio também exige que as próprias agências multilaterais coordenem seus esforços para maximizar seu impacto conjunto.

Desde o CAF, reafirmamos nosso compromisso de apoiar os países da região neste caminho desafiador, mas promissor. Com vontade política e ação decidida, outro futuro é possível: um futuro onde a região cresça com equidade, sustentabilidade e prosperidade para todos. 🌟

CAF, uma ponte para o desenvolvimento da América Latina e do Caribe



PONTO DE VISTA

Christian Asinelli

Vice-presidente corporativo de Programação Estratégica do CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe–

Desde a colocação de sua pedra fundamental em 1972, com a construção de uma ponte sobre o rio Limón para conectar a Venezuela e a Colômbia, o CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe– tem aberto caminhos por toda a América Latina e Caribe (LAC). Processos de integração regional; projetos nas áreas de infraestrutura, educação, saúde e conectividade física e digital; fortalecimento de capacidades institucionais e formação contínua, além de políticas transversais de ação climática, gênero, inclusão e diversidade, têm sido parte do trabalho incansável de suas equipes em 57 anos de vida institucional.

Pontes. Como organismo multilateral de desenvolvimento, o CAF busca acompanhar cada um dos esforços nacionais e locais de seus países membros na criação de espaços de cooperação comercial, econômica e política. Para isso, apoiamos a tarefa de instituições intergovernamentais como o Mercosul, mobilizando fundos para obras significativas como a Ponte Pilar–

Colônia Cano, entre Argentina e Paraguai, que facilitará o comércio e o transporte entre eles.

Também impulsionamos iniciativas como as Rotas de Integração com instituições como o BNDES, BID e Fonplata, para facilitar a troca comercial e melhorar os serviços de infraestrutura entre nações. E buscamos melhorar a cooperação energética entre países por meio de mecanismos como o Projeto Regional de Integração Gasífera do Mercosul com a Olade, para otimizar a infraestrutura do gás natural e o planejamento energético em torno desse recurso.

Caminhos. Para alcançar uma LAC pujante, inclusiva e interconectada, o único caminho é o desenvolvimento sustentável. Para isso, propusemo-nos o objetivo de que, até 2026, 40% de nossas operações fossem totalmente verdes. E conseguimos superar essa meta um ano antes. Isso nos permitiu ter quadros de gestão ambiental e social com altos padrões de sustentabilidade, que respeitavam também os direitos humanos, a igualdade de gênero e a participação comunitária em nossas operações. Nesse contexto, no ano passado aprovamos iniciativas como o Projeto Biomanglar, para fortalecer a estratégia de biodiversidade da Colômbia, e o de Biocomércio, para gerar capacidades comerciais no âmbito da diversidade biológica de Honduras.

Pessoas. Todas essas ferramentas têm no centro de suas preocupações o progresso humano. Por isso, realizamos obras inovadoras

para fomentar a educação e a saúde em cada zona da LAC. Em Timbiquí, Colômbia, por exemplo, desenvolvemos um sistema de escolas modulares que já provou sua eficácia para fomentar a educação em zonas rurais de difícil acesso. Esse projeto facilitou o acesso a milhares de crianças do Pacífico colombiano a água potável, energia, saneamento básico e educação de qualidade. O CAF também apoiou a implementação de sistemas de telemedicina que em El Salvador, em particular, encontraram um nicho para melhorar o acesso e a cobertura de atendimento médico por meio de plataformas tecnológicas e formação constante de pessoal.

Progresso. A tarefa tem sido e continua sendo exigente. Vivemos em um continente atravessado por desigualdades e lacunas socioeconômicas alarmantes. De acordo com a 20ª edição do nosso Relatório de Economia e Desenvolvimento (RED), 30% da população vive na pobreza e 78% da riqueza gerada fica nas mãos dos 10% da população. Mas isso não é nem deve ser nosso ponto de chegada. A LAC é resiliente, possui uma biodiversidade rica e tem energias renováveis e recursos humanos de primeiro nível. Somos uma verdadeira região solução para os problemas globais e temos tudo o que é necessário para crescer. Com essa certeza, a de criar novas pontes para o desenvolvimento, nos levantamos todos os dias para enfrentar os desafios à frente. 🌱

ECONOMIA VERDE

Por Equipe editorial

@AgendaCAF



O triplo desafio da transição energética

Para que a América Latina e o Caribe deem o grande salto para um desenvolvimento sustentável e um futuro ambiental saudável, é indispensável fechar as lacunas do subdesenvolvimento, otimizar a produtividade e envolver toda a população na provisão e acesso de qualidade às energias limpas.

A transição global para fontes de energia mais limpas tornou-se uma prioridade para todo o planeta, urgido pela necessidade de conter o aquecimento global exacerbado e suas consequências catastróficas.

O uso de combustíveis fósseis –ou energias não renováveis– é o maior gerador de gases de efeito estufa (GEE), os grandes responsáveis pela perda de ozônio presente na atmosfera. Ao consumir o ozônio, os GEE deixam enormes lacunas na atmosfera por onde a radiação ultravioleta entra livremente para alterar



Planta termosolar de Cerro Dominador no deserto de Atacama, no Chile. → Foto - CAF

o clima e a dinâmica normal dos recursos naturais, ventos, mares, rios e solos, cujas transformações em muitos casos são acumulativas e irreversíveis.

A situação alarmante mobilizou os países para se reunirem, colocar o tema em discussão e debater sobre qual caminho seguir. Assim, sob a égide da Organização das Nações Unidas (ONU), surgiu o Acordo de Paris, assinado em 2015 por 196 países, incluindo os 33 da América Latina e do Caribe (LAC).

Graças a isso, foi oficializado o compromisso de reduzir as emissões de GEE e foram estabelecidas metas por região para 2030 (ver quadro de compromissos), ano em que os resultados alcançados por cada integrante do consenso serão examinados. Igualmente, foi acordado redobrar os esforços para não supe-

rar o nível de elevação de 1,5 graus Celsius na temperatura global ao final do século XXI e alcançar a neutralidade climática em 2050.

O mundo desenvolvido teve historicamente uma maior quota de responsabilidade nas emissões. Sua contribuição representa 45% do total. Em contraste, a LAC contribuiu apenas com 11% dessa fatia, segundo o Relatório de Economia e Desenvolvimento (RED) do CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe– dedicado à transição energética e apresentado no contexto da Conferência das Partes sobre Biodiversidade (COP16) de Cali (Colômbia), em outubro passado.

Portanto, supõe-se que são os países desenvolvidos que devem liderar o cumprimento do pacto de 2015. O consenso global reconhece a urgência de reduzir as emissões de carbono. No entanto, não existem soluções que se apliquem da mesma forma em todas as latitudes.

A região, por sua vez, comprometeu-se a reduzir suas emissões para 2030 em 10,8% em relação a 2020. Esta redução é superior à assumida globalmente (menos de 1%), mas inferior à da América do Norte ou da

União Europeia (37% e 29%, respectivamente).

Região com problemas estruturais

No entanto, alcançar essas metas é realmente um desafio para a LAC, especialmente devido aos problemas socioeconômicos estruturais que ainda precisam ser resolvidos na região, em comparação com as conquistas dos continentes mais avançados em desenvolvimento.

O RED do CAF destaca que, ao avaliar a densidade populacional e o consumo per capita de energia, especialmente a proveniente de combustíveis fósseis e carvão, a região supera os índices mencionados em relação ao resto dos continentes. Isso, em termos de demanda, pois o último relatório da Agência Internacional de Energia indica que atualmente 75% das emissões de GEE provêm de países com renda per capita média ou baixa.

Durante as últimas décadas, o PIB per capita da região manteve-se 30% abaixo do dos Estados Unidos. Esta condição está associada à baixa produtividade, que, por sua vez, está ligada à presença de um excesso

O desenvolvimento da energia eólica em diferentes países da região é muito promissor. Há diversos projetos em andamento desde o Caribe até a Patagônia. → Foto - CAF



de empresas pequenas, informais e com baixo capital físico, humano e organizacional.

Os países da LAC não só têm uma renda per capita relativamente baixa, mas também uma distribuição de renda muito desigual. Em média, 1 em cada 3 pessoas na América Latina é pobre e 12 em cada 100 vivem em extrema pobreza, de acordo com números da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) de 2022.

Da mesma forma, em seu relatório de 2024, a agência adverte que as economias dos 33 países da região cresceram a um ritmo lento no ano passado, alcançando uma expansão de apenas 2,2%, e que para 2025 espera-se que o crescimento permaneça em uma faixa não superior a 2,4%.

Desafios de longa data

O RED 2024 do CAF sobre o tema sugere que a região deve alcançar um crescimento econômico superior ao

dos países desenvolvidos para fechar a lacuna de desigualdade e pobreza, ao mesmo tempo que redobra os esforços sobre a mitigação das emissões de GEE para atingir a meta.

Definitivamente, a LAC está sendo compelida a enfrentar o triplo desafio de fazer a transição para as energias limpas sem prejuízo de suas economias ou de sua biodiversidade e com a premissa de fechar a lacuna da pobreza.

Para alcançar isso, teria que enfrentar desafios de longa data ainda não superados e que têm uma grande parcela de responsabilidade na lentidão de seu desenvolvimento socioeconômico.

Em primeiro lugar, ainda persistem problemas localizados de acesso a fontes de energia de qualidade, apesar dos grandes avanços alcançados. O RED do CAF revela que pelo menos 40% da população rural da Colômbia, Honduras, México, Nicarágua, Paraguai e Peru ainda cozinha e aquece suas casas com lenha.

Em segundo lugar, existem desafios em termos de eficácia do fornecimento energético. Dados da Pesquisa de Empresas do Banco Mundial indicam que cerca de 60% das empresas manufatureiras relatam ter tido duas interrupções de serviço elétrico por mês, durante períodos médios de três horas. Por esse panorama, uma em cada três empresas da região considera os problemas no fornecimento de eletricidade um obstáculo significativo para sua produtividade. Essa cifra é 40% superior à da Europa e Ásia Central combinadas.

Além disso, os níveis de pobreza e vulnerabilidade de uma grande parte da população, como já mencionado, exigem proteção contra as fortes mudanças distributivas que a transição energética pode gerar e impõem restrições aos domicílios na adoção de tecnologias limpas ou energeticamente eficientes.

Outra característica dos mercados energéticos da região que vale a pena destacar é a presença de subsí-

Compromissos de emissões estabelecidos no Acordo de Paris

Região	Quantidade de países ^{a/}	Variação de emissões GEE 2010-2020 (%)	Emissões GEE 2020 (MtCO ₂ e) ^{b/}	Emissões GEE 2030-NDC (MtCO ₂ e) ^{c/}	Variação de emissões GEE 2020-2030 (%)
África	37	19,2	3.023	3.805	25,9
América do Norte	2	-14,7	6.021	3.766	-37,4
América Latina e Caribe	21	-15,5	3.293	2.952	-10,8
Ásia (sem China e Índia)	19	19,5	5.598	6.081	8,6
China	1	24,4	12.296	12.804	4,1
Índia	1	22,7	3.167	3.910	23,5
Oceania	6	3,1	703	390	-44,6
União Europeia	27	-20,1	2.957	2.085	-29,5
Resto da Europa	19	4,9	2.750	3.927	42,8
Total	133	5,7	39.807	39.720	-0,3

Fonte: Elaboração do CAF com base em Brassiolo et al. (2023), Climate Analytics and New Climate Institute (2023), Climate Watch (2023b, 2023a), Hattori et al. (2022) e Secretaria da CMNUCC (2023). Apresentado no RED intitulado 'Energias Renovadas. Transição Energética Justa para o Desenvolvimento Sustentável', 2024.

MtCO₂e: Toneladas métricas de dióxido de carbono equivalente.

Nota: A tabela apresenta uma medida da ambição dos NDCs (contribuições determinadas a nível nacional) a nível regional. a/ Os valores por região foram obtidos a partir da agregação de uma amostra de países. b/ O nível de emissões líquidas em 2020 inclui os mesmos setores contemplados na meta declarada por cada país em seu NDC para 2030. c/ As emissões líquidas de GEE para 2030 foram estimadas aplicando a meta de mitigação ao nível de emissões base declarado (em ano de referência ou em um cenário sem mudanças [BAU, por suas siglas em inglês]). Consideram-se as emissões dos setores incluídos na meta e, para os países que não especificam os setores, assume-se que a meta contempla todos os setores (incluindo o uso da terra, mudança no uso da terra e silvicultura [UTCUTS]). O apêndice do capítulo 1 (disponível online) oferece mais detalhes sobre a metodologia empregada nas estimativas e os países incluídos em cada região.

64%

É O ÍNDICE DE GERAÇÃO A PARTIR DE FONTES

RENOVÁVEIS COM O QUAL A
REGIÃO ENCERROU EM 2024,
SEGUNDO O RELATÓRIO RED.
ENTRE 2015 E 2022, A REGIÃO
AUMENTOU SUA CAPACIDADE
RENOVÁVEL EM 51%.

dios à energia. Embora vários países do continente, incluindo Argentina, Chile, Colômbia e México, estejam gradualmente eliminando os subsídios aos combustíveis fósseis, esses ainda representam 4,7% do PIB regional, concentrados principalmente na Venezuela. A existência desses subsídios pode promover uma alta demanda por energias não renováveis, com seu consequente impacto nas emissões.

A transição energética da região, como destaca o CAF em seu RED, não pode ocorrer de costas para essas realidades. Seu desenvolvimento sustentável implica certamente em reduzir as emissões de GEE de origem energética para ter um planeta mais sustentável e, ao mesmo tempo, fechar as lacunas de renda per capita existentes e reduzir as desigualdades sociais e energéticas.

Mais do que obstáculos, oportunidades

A história recente dos países desenvolvidos sugere que é viável alcançar um crescimento do produto por habitante e reduzir as emissões, conceito conhecido como desacoplamento.

Em Medellín, a empresa EPM tem uma planta piloto de hidrogênio verde produzido com biogás proveniente de uma estação de tratamento de águas residuais. ➔ Foto - Arquivo / EL TIEMPO.

A análise do CAF, em seu mais recente RED, esclarece que a região poderia, por exemplo, se tornar um centro da indústria verde de veículos e dispositivos tecnológicos que demandam minerais produzidos em abundância em vastos territórios do continente, como níquel, lítio, cobre e cobalto (ver quadro).

Em um de seus relatórios mais recentes, o Fórum Econômico Mundial especifica que o mundo precisa de 2 bilhões de veículos elétricos, cujo mineral essencial para suas baterias é o lítio. Argentina, Chile e Bolívia formam o chamado “Triângulo do Lítio”: esses países concentram 68% das reservas do mineral, principalmente na forma de salmouras, o que é mais fácil e barato de processar em comparação com os hidrocarbonetos. Isso nos colocaria no núcleo da industrialização verde, consolidaria a nova era da migração para fontes de energia renováveis e permitiria nos equiparar em termos de desenvolvimento com os países mais avançados nesse campo.

Aqui, vale a pena destacar o slogan energético com o qual o CAF chegou à COP16 e que reforçará este ano na COP30 de mudança climática, em Belém (Brasil): soluções regionais com visão global. Ou seja, a LAC tem o que é necessário para liderar a implementação de políticas e iniciativas de caráter regional que

proporcionem um impacto positivo e sustentável em nível global.

Mas, juntamente com isso, deve ocorrer uma grande revolução no campo da ciência, inovação, tecnologia e educação, a fim de entrar adequadamente na era do consumo de energia eficiente e limpo; esta profunda transformação da mentalidade e do acesso implica, acima de tudo, que a região aprenda como fazer do consumo eficiente de energias verdes parte de sua cotidianidade, e que tenha acesso democrático e de qualidade a essas fontes, o que implicaria, entre outros, opções eficazes de resposta à demanda, por meio da criação de novos tipos de combustível limpos e amigos do ambiente.

Na última década, os países da América Latina e do Caribe aumentaram consideravelmente seus esforços para reduzir as emissões de GEE. Entre 2015 e 2022, a região aumentou sua capacidade renovável em 51% e, ao final de 2024, este índice subiu para 64% de geração a partir de fontes renováveis, diz o relatório RED. Espera-se que essa cifra alcance 70% da provisão de energia renovável até 2030.

Para o caso particular da Colômbia, a Associação de Energias Renováveis (SER Colômbia) indicou em seu relatório recente que na última década o consumo de energias desse tipo passou de 2% para 10%. Alguns





Bolivia, Argentina (foto), Chile, México e Peru controlam a maioria dos recursos mundiais de lítio, essenciais para o armazenamento de energia limpa. → Foto - iStock.

países que lideram a transição energética na região são Brasil e Chile. Costa Rica e Paraguai também estão entre aqueles com melhores resultados no índice planetário.

Por outro lado, a região é rica em recursos hídricos, minerais indispensáveis para a produção de meios de transporte –setor que, junto com a produção industrial, constitui o maior consumidor de energias não renováveis– e de tecnologia necessária para a transição resiliente, como mencionado anteriormente.

Uma das necessidades mais evidentes na análise global da migra-

ção para energias limpas na região é o fato de que o consumidor em pequena escala passe a se tornar um ator produtivo dentro da cadeia de valor da nova estruturação de sistemas massivos de provisão de energias limpas. Isso, em termos simples, significa que uma família média pode gerar sua própria energia– por meio da instalação de painéis fotovoltaicos, por exemplo–, mas também fornecer watts verdes excedentes para serem incluídos e comercializados na rede transnacional, o que a transformaria de menor consumidor para “prosumidor”.

O caminho dessa massificação tem seu eixo, como indica o RED do CAF, na construção de subsídios bem focalizados e eficazes que promovam a acessibilidade e a acessibilidade aos equipamentos e à tecnologia necessária para isso.

Tal fato significaria um grande salto para a região no propósito de reduzir as emissões de GEE, avançar enormemente na neutralização climática e estreitar fortemente a lacuna da pobreza.

Está demonstrado que as energias eólica e solar alcançaram níveis de competitividade ideais, em comparação com a energia não renovável, e que resultam, inclusive, mais baratas. Portanto, como enfatizam o RED do CAF e a voz da Ser Colômbia, é necessário pisar no acelerador e propiciar os cenários ideais para a expansão dos sistemas de provisão de energia verde. 🌱

UM BANCO CONTRA O AQUECIMENTO GLOBAL

A versão 2024 do relatório RED do CAF sobre transição energética conclui que é impossível fazer uma transição justa e resiliente na região sem fechar as lacunas de desigualdade, fome e pobreza persistentes nela. Enfatiza a urgência de que a LAC aborde a transição energética com um sentido primordialmente social e aproveite as oportunidades que se apresentam como região e no fortalecimento das alianças estratégicas entre go-

vernros e grandes empresas, para fazer das iniciativas que promovam o “prosumo” eficiente de energia renovável o caminho que finalmente conduza ao fechamento dessa inequidade enquanto se alcança uma mitigação significativa das emissões de GEE, o que levaria à contenção do aquecimento global.

Outra conclusão destacada pelo CAF em seu relatório é que os ganhos em produtividade industrial e a massi-

ficação da economia circular eficiente são chaves para alcançar esse crescimento e podem favorecer uma redução de emissões. O RED ressalta que uma maior produtividade das empresas se traduz em um maior e melhor produto por unidade de energia.

Desde sua declaração como banco verde, o CAF determinou que 40% de sua carteira seja destinada a iniciativas regionais contra o aquecimento global, a contenção

das mudanças climáticas e a proteção dos 14 ecossistemas estratégicos identificados pelo banco. Neste contexto, a transição energética tem à sua disposição uma boa parte desse percentual que se reverteria em grandes feitos para uma migração justa e resiliente, e no fechamento das lacunas socioeconômicas. Os marcos legais, políticos e conceituais já estão criados. Só falta fazer o trabalho bem feito e em alta velocidade.



América Latina e o Caribe, região de soluções

O trabalho realizado nas cúpulas ambientais de 2024 abriu caminho para a COP30 climática, que será realizada no final de 2025 em Belém do Pará (Brasil). Há cinco questões pendentes nas quais será crucial avançar.



A proteção das comunidades camponesas e indígenas, cuidando de seu sustento, é fundamental para manter a biodiversidade. → Foto - Jaiver Nieto / EL TIEMPO

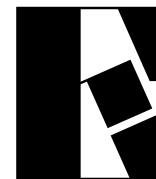


Conhecem-se cerca de 18.000 espécies de borboletas no mundo. Sua grande função: a polinização.

→ Foto - Santiago Saldarriaga / EL TIEMPO

À esquerda: Papagaio, símbolo da grande variedade de aves da América Latina e do Caribe.

→ Foto - Juan Pablo Rueda / EL TIEMPO



Em 2024, a América Latina e o Caribe (LAC) consolidaram-se como uma região protagonista tanto na transição energética quanto na resiliência climática e na recuperação e conservação da biodiversidade universal.

Os palcos dessas conquistas foram as três grandes cúpulas ambientais globais, Conferências das Partes (COP), realizadas no último trimestre do ano: a COP16 de Biodiversidade, que ocorreu em Cali (Colômbia) no final de outubro de 2024 e deu uma nova dimensão à região nesses encontros; a COP29 de mudança climática, realizada pouco depois em Baku (Azerbaijão), onde, entre outras coisas, foi acordado triplicar o financiamento para a proteção da vida e dos meios de subsistência dos países em desenvolvimento; e a COP16 contra a desertificação e o uso indiscriminado de solos, realizada em Riad (Arábia Saudita) no início de dezembro passado e na qual o CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe–, como uma das vozes mais influentes da região a nível global, tornou-se membro observador nos diálogos desta convenção, tradicionalmente focada nos problemas do continente africano.

Particularmente, os países da região celebram ter conseguido na COP16 de Cali que os olhares do planeta se voltassem para os 33 países do continente e seus ecossistemas, 14 deles estratégicos, e que fosse vista como uma região compacta, mas ao mesmo tempo multicultural e diversa em seu capital natural. A cúpula marcou um marco ao envolver o público geral na conversa sobre temas de biodiversidade.

Além disso, tendo como principais cenários os espaços de discus-

Os cerros de Mavecure fazem parte da Amazônia, região que será protagonista da COP30 de Mudança Climática deste ano.

→ Foto - Carlos Ortega / EL TIEMPO



são que o CAF propiciou, foi plantada a mensagem de que, como região, a LAC pode oferecer, não só os recursos necessários para a contenção das mudanças climáticas e a transição energética, mas também pode se integrar à cadeia de valor industrial como um ator produtivo e como "uma região de soluções".

A conferência de Cali trouxe novidades em fevereiro passado em Roma, onde os países membros pactuaram, entre outras coisas, o primeiro plano global para financiar a conservação da natureza que mobilizará pelo menos 200 bilhões de dólares americanos anuais até 2030, incluindo 20 bilhões de dólares ao ano em fluxos internacionais este ano, que aumentaram para 30 bilhões de dólares em 2030. Além disso, foi definido um quadro de monitoramento para avaliar os avanços na implementação do Marco Global de Biodiversidade Kunming-Montreal. Os países concordaram com um sistema de monitoramento que será aplicado na COP17 na Armênia, em 2026.

O encontro em Roma também serviu para lançar o Fundo Cali, que receberá contribuições de empresas que comercializam dados digitais sobre os recursos genéticos da natureza, marcando um passo importante para um financiamento mais amplo para a conservação da biodiversidade. Espera-se que setores como o farmacêutico, cosméticos, biotecnologia agrícola, biotecnologia industrial e inteligência artificial, entre outros, contribuam com 1% de seus lucros ou 0,1% de suas receitas para este fundo que será opera-

do pelas Nações Unidas. Estima-se que pelo menos 50% dos recursos sejam destinados a povos indígenas e comunidades locais, cuidadores da biodiversidade.

Caminho para a COP de Belém

O trabalho realizado nas cúpulas de 2024 abriu um caminho para a COP30 climática que será realizada no final de 2025 em Belém (Brasil). Para o CAF, este será um novo cenário para colher o senso de união da região que foi semeado e trabalhar em várias questões que ainda estão pendentes. Entre elas, as seguintes:

1. Transições justas para a região.

Está claro que a questão da transição na LAC não se limita apenas ao campo energético. São indispensáveis outros tipos de transições, como a da agricultura e pecuária, um dos setores produtivos que mais contribuem para a emissão de gases de efeito estufa (GEE) e para o desmatamento. Como tem sido desenvolvido até agora, a atividade agropecuária não é sustentável e uma grande transformação nesse campo é urgente, em paralelo com a transição energética. É necessário entender completamente o papel que o setor agropecuário desempenha na segurança alimentar e na erradicação da pobreza, o primeiro dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) do Acordo de Paris. Isso, claro, impli-

ca uma nova visão de geração de empregos e acesso à cesta básica para melhorar a qualidade de vida.

2. Reforçar o posicionamento da LAC como uma região de soluções.

A inclusão do continente nos debates globais sobre transição não deve se limitar a ser fornecedora de recursos, mas as ações devem levar à geração de uma era macroindustrial para a região, baseada na criação de combustíveis limpos e tecnologias amigáveis ao planeta.

3. A adaptação e resiliência frente ao risco de desastres.

Neste aspecto, também é necessário trabalhar com uma abordagem unificada e sustentável. O tema mais urgente é a adaptação, já que entre 2% e 3% do PIB regional está sendo investido no atendimento a desastres naturais. Atualmente, o CAF está trabalhando em uma iniciativa chamada Consenso de Brasília, que busca estabelecer sistemas de alerta precoce através da cooperação transnacional, para saber como mobilizar recursos e instituições especializadas além das fronteiras. Na COP climática de Dubai (28), o CAF anunciou um portfólio de 15 bilhões de dólares entre 2023 e 2030 dedicado ao vasto campo da adaptação e resiliência. Até agora, já foram investidos 2 bilhões.

4. Como envolver muito mais o setor privado.

Uma vez que o com-



promisso de Baku de triplicar o financiamento para os países em desenvolvimento foi assumido, ou seja, passar de 100 bilhões de dólares para 300 bilhões, é urgente integrar o setor privado e a filantropia nessas causas. E aqui é quando a região deve estreitar ainda mais seus laços com grandes empresas de países como China e Rússia, em busca de gerar um crescimento inclusivo e equitativo para os países deste lado do planeta.

5. Impulsionar o desenvolvimento de indicadores que reflitam as realidades da região. Sobretudo, para os temas de adaptação, são indispensáveis indicadores adaptados às situações e condições da LAC. A região não possui indicadores próprios que a meçam adequadamente e a análise de dados baseada na realidade é indispensável para, por exemplo, atrair investimento estrangeiro. Assim também é a taxonomia baseada no capital natural. Como bem indica o CAF em uma de suas declarações, também é necessário dar um rosto humano aos problemas globais.

Outro encontro importante

Belém não será o único encontro importante para a região em termos ambientais em 2025. Também haverá em Sevilha (Espanha), entre o último dia de junho e 3 de ju-

lho, a Quarta Conferência de Financiamento para o Desenvolvimento, considerada o segundo fórum mais importante de todos os organizados pelas Nações Unidas.

O objetivo central do encontro será avançar na implementação das políticas e na mobilização dos recursos financeiros necessários para alcançar a Agenda 2030 e seus Objetivos de Desenvolvimento Sustentável em nível global. Nesse cenário,



As cúpulas ambientais de 2024 deram visibilidade à América Latina e ao Caribe como uma região chave para a resiliência contra as mudanças climáticas e a preservação da diversidade biológica global.

a Espanha, país anfitrião, espera “criar um sentimento de urgência” sobre a necessidade de realizar reformas no sistema internacional de financiamento do desenvolvimento, a fim de abordar, entre outros, os desafios das mudanças climáticas de forma mais eficiente e justa.

As três primeiras versões da cúpula foram realizadas em Monterrey (México) em 2002, em Doha (Catar) em 2008 e em Adis Abeba (Etiópia) em 2015. Na última, foi adotada a Agenda de Ação de Adis Abeba para fornecer um novo quadro global de financiamento do desenvolvimento sustentável através do alinhamento de todos os fluxos e políticas de financiamento com as prioridades econômicas, sociais e ambientais. No entanto, não se registrou tanto progresso quanto o esperado.

Prevê-se que, em Sevilha, os países em desenvolvimento insistiram em soluções para o problema da dívida. Atualmente, mais de 3 bilhões de pessoas no mundo vivem em países que têm que dedicar mais dinheiro aos pagamentos relacionados à dívida do que à educação. Eles também destacaram a contradição de que o sistema financeiro não favorece nações com planos ambiciosos de mitigação das mudanças climáticas, para enfrentar uma crise que é responsabilidade principalmente das nações do norte. Eles reivindicam um novo modelo financeiro baseado em princípios de justiça climática.

Outro ponto de debate sobre o financiamento para o desenvolvimento já foi levantado pelos Estados Unidos e refere-se à necessidade de mobilizar mais capitais privados, diante do fato de que a ajuda pública ao desenvolvimento nunca será suficiente para os desafios existentes. Também foi solicitado que se estabeleçam prioridades com base na agenda da Etiópia, entre as quais se destacou a necessidade de os países do hemisfério sul serem mais eficientes na arrecadação de recursos internos, com uma melhor tributação. 🌱



Uma cúpula que deixou grandes anúncios

Durante 12 dias, representantes de mais de 190 países debateram na COP16 de Cali em outubro passado.

→ Foto - Daniel López / EL TIEMPO

Na cúpula de Biodiversidade COP16 de Cali, o CAF desenvolveu mais de 60 eventos que contaram com a participação de 350 palestrantes convidados, e suas convocações na zona azul alcançaram mais de 10.000 participantes.

Nenhum ecossistema foi deixado de lado: da Patagônia aos recifes de corais do Caribe, da Mata Atlântica (bioma entre Brasil, Paraguai e Argentina) até o Chocó Biogeográfico, que margeia o Pacífico, foram lançadas iniciativas de grande transcendência, que, uma vez realizadas e produzindo resultados, marcaram um antes e depois tanto no desenvolvimento socioeconômico quanto na resiliência dos ecossistemas e de seus habitantes.

Especificamente, e como exemplo, uma das áreas que firmou acordos promissores no contexto da

COP16 foi o Chocó Biogeográfico, até então pouco conhecido no exterior, mas uma das áreas geográficas mais ricas em diversidade biológica do planeta. No âmbito de um dos eventos do CAF, anunciou-se a criação de um fundo multidoador para a recuperação e conservação de seu bioma, bem como para a promoção do ecoturismo sustentável de suas áreas costeiras, ribeirinhas e selvagens. Da mesma forma, foi divulgada a iminência de um tratado entre os países afetados por sua idiossincrasia e sua natureza: Panamá, Costa Rica, Colômbia e Equador.

Além disso, o CAF notificou a criação da primeira Rede de Mulheres Piangueras do Pacífico Leste Tropical, cujo trabalho de extração e fornecimento do molusco, ao mesmo tempo que o cuidado dos manguezais –habitat da piangua–, foi re-

conhecido como uma atividade digna da produtividade econômica e da sustentabilidade regional.

Além do anúncio de 300 milhões de dólares para proteger a biodiversidade da LAC, o CAF criou um comitê científico que trabalhará pela geração de conhecimento originado da região, em prol de sua diversidade biológica e da valorização dos saberes ancestrais do continente. Este estará alinhado com a Declaração de Chicó-Bogotá (reunião de cientistas que ocorreu na capital colombiana em outubro de 2024) e buscará a defesa da riqueza ambiental da região, baseada na evidência científica e no respeito pelas tradições e práticas das etnias locais indígenas e afrodescendentes.

O pavilhão do CAF também foi palco de uma homenagem a 10 líderes que trabalham arduamente pelas causas ambientais. No mesmo ambiente, a inovação financeira, através de créditos de biodiversidade marinha, foi o suporte para estabelecer uma aliança entre a Fundação Patagônia Azul e a Reserva de Capital Natural, destinada a fortalecer a conservação de áreas protegidas como Pitipalena-Añihue, no Chile.

Para os páramos também houve boas notícias, pois o CAF e a organização Cumbres Blancas Colômbia assinaram um acordo com o objetivo de liderar a proteção integral desses ecossistemas. Igualmente, em um esforço sem precedentes para restaurar a biodiversidade da LAC, o Jardim Botânico de Nova York e o CAF firmaram um acordo para desenvolver bases biológicas que ajudarão a melhorar a conectividade de sua vegetação.

A agenda do banco também incluiu o lançamento do InNatureLab, em parceria com as fundações Latimparto e Trafigura. Esta iniciativa, liderada por organizações de jovens ambientalistas, tem como objetivo oferecer apoio financeiro e não financeiro aos países membros do CAF, para encontrar soluções de bioeconomia através de processos de inovação e cocriação.

O projeto de Rotas de Aves Migratórias das Américas também foi um dos resultados bem-sucedidos da participa-



ção do CAF na COP16. Sua implementação começou em janeiro de 2025 e terá como base os estudos realizados pela BirdLife International com o apoio do Banco, que enfatizam como alcançar a resiliência na migração das aves diante da crise climática.

Adicionalmente, o CAF, o Fórum Econômico Mundial e o Instituto de Recursos Mundiais uniram esforços pela economia azul com a assinatura de um acordo para explorar, promover e desenvolver projetos de conservação e restauração do oceano, sob uma abordagem ecossistêmica, de transição energética marinha e de investimento sustentável.

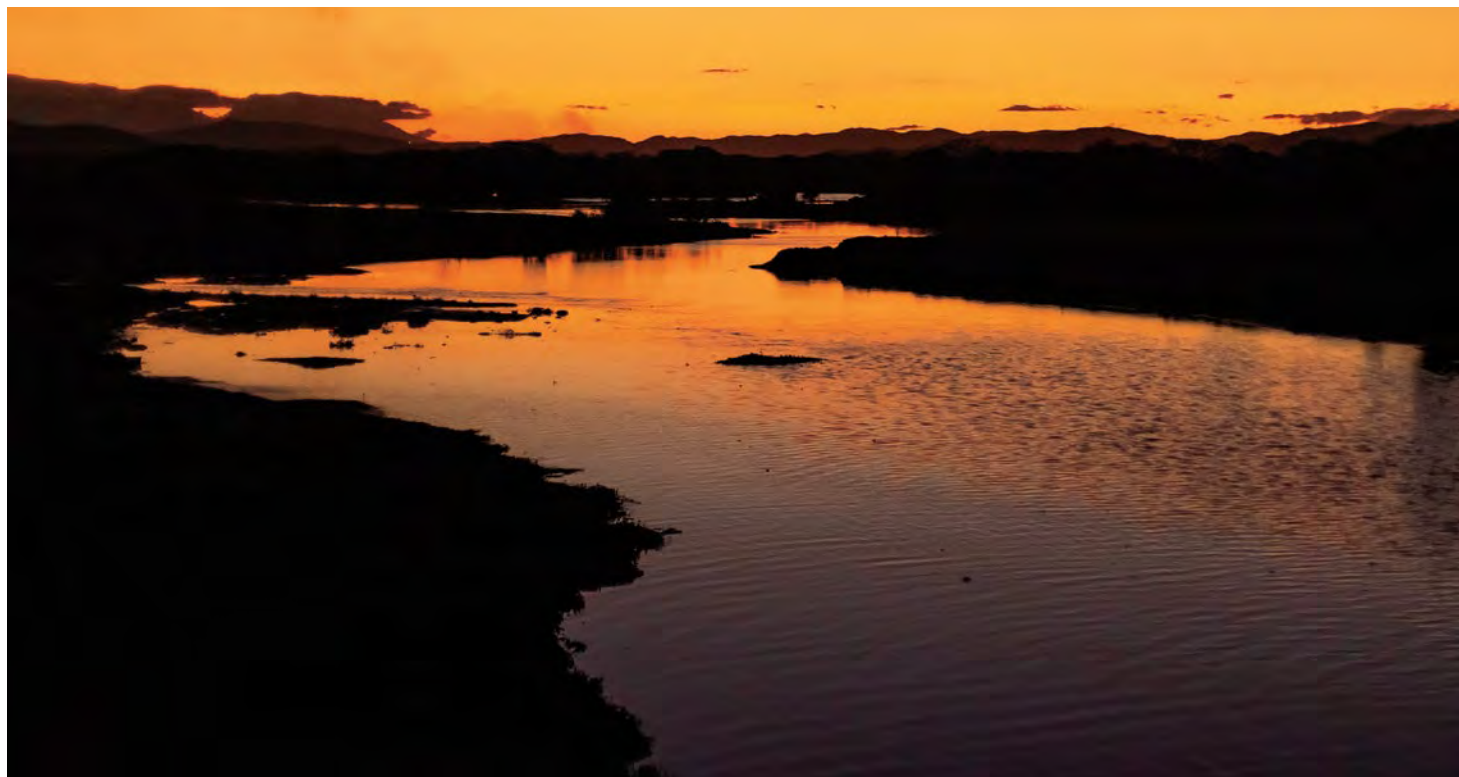
As mulheres também tiveram uma participação esmagadora na cúpula de Cali, onde não só houve espaço para seu reconhecimento como porta-estandartes das causas ambientais, mas também foram declaradas como "protetoras da vida". Com essa premissa, o CAF conseguiu reunir dezenas de mulheres indígenas cujas vidas giram em torno da preservação da natureza e destacou o papel crucial que desempenham na realização desse propósito.

Igualmente, houve tempo para comemorações, como os 25 anos do programa Amazônia sem Fogo e o segundo aniversário da Rede de Biodiversidades, cuja celebração aproveitou para incluir seis cidades colombianas: Cali, Quibdó, Leticia, Bogotá, Cartagena e Manizales. 🌿



Em cima: Imagem do Chocó Biogeográfico, na costa pacífica, tesouro de biodiversidade que abrange três países. Embaixo: CAF anunciou que destinará 300 milhões de dólares à proteção da biodiversidade da LAC. Indígena com a Flor de Inírida e um beija-flor.

→ Fotos - Juan Pablo Rueda e Santiago Saldarriaga / EL TIEMPO



Troca de dívida pelo rio Lempa, marco e modelo para o mundo

A maior conversão de dívida por natureza da história permitirá a El Salvador garantir a sustentabilidade de sua principal fonte de água e energia. O CAF, um dos garantidores do acordo.



O rio Lempa, eixo de um dos sistemas fluviais mais importantes da América Central, nasce na Guatemala e depois tem um curto percurso por Honduras, mas 360 de seus mais de 422 quilômetros de comprimento atravessam montanhas e planícies de El Salvador, antes de desaguar no Oceano Pacífico. Com seus ecossistemas de florestas e áreas úmidas de rica diversidade de flora e fauna, a bacia cobre quase metade do território salvadorenho e articula sua economia.

O Lempa fornece água potável para 68% do país, incluindo parte da área metropolitana de San Salvador e, ao mesmo tempo, é a principal fonte de energia hídrica. No entanto, sua conservação está ameaçada pela poluição com águas residuais sem tratamento

Cerca de 360 dos mais de 422 quilômetros de comprimento do rio Lempa percorrem a geografia de El Salvador. ➔ Foto - IStock



e agroquímicos, bem como pelo desmatamento ilegal e pela expansão não controlada da fronteira agrícola. Fenômenos do clima, como secas prolongadas ou chuvas intensas, agravam os problemas ambientais da bacia.

Com o objetivo de encontrar recursos para desenvolver um plano de ação que garanta sua sustentabilidade, o governo salvadorenho e várias instituições internacionais, incluindo o CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe–, concretizaram em outubro passado a realização de uma transação histórica: a maior troca de dívida por natureza acordada até hoje.

Com o acordo por um montante de 1.000 milhões de dólares americanos, facilitado pelo banco JP Morgan

e apoiado pela Corporação Financeira Internacional para o Desenvolvimento dos Estados Unidos (DFC) e pelo CAF, El Salvador refinanciará 1.031 milhões de dólares em títulos existentes a taxas mais baixas.

No acordo, o JPMorgan Chase Bank, N.A. atuou como único organizador (sole arranger) do empréstimo, enquanto o JPMorgan Securities LLC (companhia de responsabilidade limitada) atuou como intermediário (dealer manager) para a recompra dos títulos. A DFC atuou fornecendo os 1.000 milhões de dólares em um seguro de risco político (PRI), enquanto o CAF forneceu uma carta de crédito de espera (SBLC) de 200 milhões de dólares. Esses dois elementos fortalecem o risco de crédito que respalda a transação, que teve a ArtCap Strategies como assessor financeiro e coordenador global.

O destino da economia

Ao longo do vencimento da dívida, o país centro-americano obterá mais de 352 milhões de dólares, por meio de uma combinação de economias imediatas nominais e reduções substanciais nos custos do serviço da dívida. A classificação AAA das entidades de suporte, com forte capacidade de cumprir com suas obrigações financeiras, é o que permite obter taxas de juros substancialmente mais baixas.

Quase todo o montante mencionado, 350 milhões, será destinado ao Programa de Conservação e Restauração do Rio Lempa, que será implementado durante os próximos 20 anos. Cerca de 200 milhões, ou uma média de 9,75 milhões anuais durante 20 anos, financiarão diretamente o programa, e os 150 milhões restantes, em parcelas de 7 milhões por ano, alimentarão um fundo fiduciário destinado a ser fonte de financiamento do programa além de 2044.

Com esses recursos serão realizadas iniciativas para melhorar a qualidade e quantidade de água, restaurar ecossistemas, proteger a biodiversidade e fortalecer a resiliência climática. O governo salvadorenho se comprometeu, além disso, a declarar 75.000 hectares

como áreas protegidas, a criar um sistema de monitoramento de recursos hídricos e a desenvolver um Plano Nacional de Recursos Hídricos Integrados.

O presidente de El Salvador, Nayib Bukele, descreveu a iniciativa como “a ação ambiental mais ambiciosa na história do país”. O financiamento também contempla a distribuição de subvenções a organizações locais para promover a conservação da biodiversidade, a agricultura regenerativa e a segurança hídrica. Espera-se que as primeiras subvenções sejam concedidas no ano em curso.

Compromisso do banco verde

O Programa de Conservação e Restauração do Rio Lempa será gerenciado pela Catholic Relief Services (CRS), a agência humanitária internacional da comunidade católica dos Estados Unidos, em conjunto com o Fundo de Investimento Ambiental de El Salvador (FIAES).

A supervisão da execução das iniciativas estará a cargo de uma junta diretiva de sete membros, composta por representantes do governo de El Salvador, da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e organizações não governamentais.

O CAF, como parte de seu compromisso de se tornar o banco verde da América Latina e do Caribe, investirá 25.000 milhões de dólares antes de 2026 em financiar iniciativas ambientais, de mudança climática e biodiversidade como a concretizada em El Salvador.

“Este financiamento histórico demonstra que, através de esforços conjuntos, podemos avançar em mecanismos financeiros inovadores que acelerem o desenvolvimento sustentável”, destacou o presidente executivo do CAF, Sergio Díaz-Granados, que também sublinhou o caráter pioneiro da transação ao combinar a conservação de recursos críticos com a melhoria das condições de dívida. Há uma nova alternativa para abordar os desafios financeiros e ambientais dos países em desenvolvimento. 🌿

CONHECIMENTO E AÇÃO

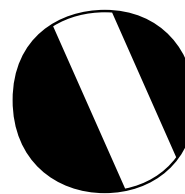
Por Equipe editorial

@AgendaCAF



O PIB per capita cresceu 40% na América Latina e 16% no Caribe desde 1970. Trabalhadoras de confecções em uma feira têxtil.

→ Foto - Sergio Acero / EL TIEMPO



s países da América Latina e do Caribe (LAC) contam hoje com um banco de informações históricas,

baseadas em evidências e sustentadas em diagnósticos e análises de especialistas, que permitem aos tomadores de decisão públicos e privados agir em benefício das pessoas mais vulneráveis.

Esse banco de informações é formado por vinte anos de publicações do *Relatório de Economia e Desenvolvimento* (RED) que o CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe –começou a publicar em 2004 e que constitui uma das fontes mais sólidas para consultar a realidade da região, seus desafios, possibilidades e oportunidades.

Durante duas décadas, o RED tornou-se uma ferramenta de apoio à tomada de decisões da região, por meio de diagnósticos empíricos exaustivos e análises rigorosas de evidências, com o objetivo de oferecer recomendações de políticas públicas claras e realizáveis a partir e para a região.

O CAF comemora as duas décadas de trabalho com o livro *Conhecimento que Transforma: vinte anos*

Vinte anos de conhecimento que transforma

O relatório RED tornou-se a ferramenta que apoia os países da América Latina e do Caribe na tomada de decisões documentadas e baseadas em evidências. Um livro interativo revisa o caminho percorrido.



a serviço de um futuro próspero, inclusivo e sustentável, que oferece uma visão integral para entender e abordar as problemáticas da região, explorando o triplo desafio de crescer, incluir e proteger o ambiente.

O banco explica que se trata de um livro interativo que aborda de maneira integral o problema do desenvolvimento econômico da LAC, revisitando o aprendizado acumulado, mas com o olhar voltado para o futuro, com o apoio na análise de especialistas de renome internacional de toda a região, que dão contexto aos dados e pesquisas com sua própria experiência.

Em cinco capítulos, o documento explora e analisa as 'Luzes e sombras do elusivo desenvolvimento da América Latina e do Caribe', as 'Políticas para o desenvolvimento produtivo', o 'Balanço e perspectivas da inclusão social para construir sociedades mais equitativas', as 'Soluções da região para a sustentabilidade do ambiente' e 'América Latina e o Ca-

ribe: rumo a um desenvolvimento sustentável no século XXI'.

Pesquisadores, responsáveis governamentais e cidadania em geral encontram um livro interativo no qual dados como que 30% da população da região vive em pobreza, que 86% dos jovens cujos pais não tiveram educação universitária não chegarão a completar estudos superiores ou como que 78% das riquezas estão nas mãos de apenas 10% da população são contextualizados e enriquecidos com os diagnósticos e as evidências acumuladas na região durante as últimas duas décadas.

Segundo a apresentação do CAF, "o texto combina diagnósticos rigorosos com propostas inovadoras que estabelecem as bases para um desenvolvimento mais justo, sustentável e resiliente, e a análise dos autores é enriquecida com as perspectivas e depoimentos audiovisuais dos especialistas convocados para refletir sobre as problemáticas mais prementes da região".



Apesar de todos os tropeços, a pobreza reduziu significativamente na região.

O nível médio atual está próximo de 30%.

→ Foto - Milton Díaz / EL TIEMPO

Impulsionando discussões

Desde o seu início, o RED cumpriu o propósito de apoiar as operações e facilitar as decisões do CAF com base em evidências e impulsionar discussões informadas sobre políticas públicas em temas-chave para o desenvolvimento regional. Cada edição abordou uma problemática de alta relevância, fornecendo um diagnóstico integral e rigoroso, revisando as melhores evidências disponíveis e fechando lacunas de conhecimento por meio de pesquisas originais.



Capa de apresentação da publicação comemorativa dos 20 anos dos RELATÓRIOS RED do CAF.

Após vinte anos, o relatório RED consolidou-se como uma referência indispensável para quem desenha e implementa políticas públicas na América Latina e no Caribe, contribuindo efetivamente para o desenvolvimento da região.

O livro comemorativo relata os notáveis avanços que a América Latina e o Caribe tiveram: o PIB per capita cresceu 40% na América Latina e 16% no Caribe desde 1970; as democracias, em geral, consolidaram-se, e a pobreza reduziu significativamente.

Mas também aborda os profundos desafios que persistem nos países: um em cada três habitantes ainda vive na pobreza; a região continua sendo uma das mais desiguais do mundo e enfrenta problemas críticos como insegurança, informalidade laboral e fraqueza das capacidades estatais.

Cinco capítulos de aprendizado

Desde o primeiro capítulo são abordados os desafios, as características históricas que condicionam a evolução, as oportunidades e a importância do conhecimento

para fechar lacunas. Segundo o documento, “o desenvolvimento exige sucesso em três áreas inter-relacionadas: crescimento econômico, inclusão e sustentabilidade ambiental. A região mostra avanços parciais em cada um”.

A publicação mostra que, embora as evidências indiquem que há uma estabilidade macroeconômica e maior resiliência aos choques, os desafios ainda são enormes. Embora a pobreza tenha caído, por exemplo, quase 30% dos latino-americanos e caribenhos ainda vivem nessa situação e 10% em extrema pobreza.

O documento analisa o desenvolvimento incompleto da região e destaca como desafios enfrentar a alta informalidade, as lacunas em infraestrutura e a criminalidade. A LAC deve trabalhar por sua evolução socioeconômica em um mundo dominado pelas tecnologias digitais, o envelhecimento acelerado e a transição verde.

O livro documenta por que o modelo atual de produção e consumo na região é insustentável e aborda os impactos negativos das mudanças climáticas, que obrigam a priorizar políticas de adaptação nos setores agrícola, de infraestrutura e intervenções para populações vulneráveis.

Também permite entender as oportunidades que se apresentam para as economias da região o potencial de geração elétrica verde e os altos custos de uma transição energética, em uma região com espaços fiscais limitados.

Um dos capítulos trata das oportunidades em meio aos desafios persistentes. Fala sobre como aproveitar as novas e antigas oportunidades, da agenda pendente e do papel da institucionalidade, bem como do papel dos bancos de desenvolvi-

mento multilaterais na realização dessas tarefas.

No panorama real da região, está documentada a quarta revolução industrial com tecnologias, inteligência artificial e gestão do conhecimento e seu papel na agricultura e na indústria manufatureira. Analisa-se as vantagens naturais da LAC e o desafio que a automação e a digitalização representam em termos de mão de obra pouco qualificada.

O CAF espera que este documento permita aos países entender a importância de aproveitar os Bancos de Desenvolvimento Multilaterais (BDM) que operam na região como plataformas de divulgação do conhecimento. E nesse cenário, ocorra a chegada de diferentes produtos de informação aos fóruns, para que a evidência guie as políticas públicas e se abra a possibilidade de escalar soluções custo-efetivas para os problemas da região.

Apesar dos avanços inquestionáveis nas últimas três décadas, o processo de desenvolvimento da LAC ainda é incompleto. O relatório RED busca manter-se como ferramenta que possibilita decisões informadas e documentadas, fundamentadas em evidências, para impactar nos altos níveis de desigualdade e pobreza, as altas taxas de violência, os Estados e instituições fracos, a alta informalidade e a persistente e ampla disparidade de renda per capita em relação ao mundo desenvolvido.

Como explicado no lançamento do livro comemorativo, “um contexto desafiador, marcado pela luta contra as mudanças climáticas, a digitalização das economias e um ambiente geopolítico incerto, obriga nossa região a transformar esses desafios em oportunidades de desenvolvimento sustentável, apoiadas por acesso a financiamento e uma rota eficaz, baseada em evidências”.



A marca que projetará a região para o mundo

A América Latina e o Caribe agora possuem uma imagem para sua promoção como destino turístico e de investimentos, e região solução.

A região que concentra metade da biodiversidade da Terra, que possui um pulmão que absorve 30% da poluição global, que detém a energia que o planeta precisa e que é reconhecida pela vibrante multiculturalidade de seus 650 milhões de habitantes, já tem uma marca que a identificará perante o mundo.

Essa imagem da América Latina e do Caribe (LAC) foi produto de um processo promovido pelo CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe–, no qual mais de 2.000 pessoas da região participaram. Após um chamado que superou as 500 candidaturas, realizou-se um exercício de co-criação com cinco grupos de finalistas em São Paulo (Brasil), cujo resultado foi a escolha do design da Marca Região apresentado pelos criadores equatorianos Ana Belén Arregui e Alejandro Muñoz Bottas, e pelo brasileiro Jean Nicolas Guerreiro.

Conforme explicado, o Y grego no retângulo representa a unidade e as co-

res, as bandeiras, a diversidade de recursos e a multiculturalidade.

A escolha foi feita por um júri composto por Adriana Barbosa, CEO da Pretahub; Claudia Casarino, artista visual; Gustavo Santos, diretor regional para as Américas da ONU Turismo; Karina Salguero, vice-presidente da Associação Ibero-Americana de Design; Tere Chad, artista e curadora do NeoNorte 5.0; Terri-Karelle Johnson, escritora, apresentadora de TV e influenciadora, e Sergio Díaz-Granados, presidente executivo do CAF.

“Esta nova imagem representa o sentir daquilo que nos une, e ajudará a região a reforçar sua voz no cenário internacional. Isso contribuirá para promover investimentos, incentivar o turismo e potencializar a projeção como região solução”, disse Díaz-Granados, na cerimônia de apresentação em São Paulo.

dos, na cerimônia de apresentação em São Paulo.

Com a Marca Região também se busca potencializar o agronegócio e a capacidade de satisfazer a demanda alimentar de uma população mundial; fortalecer as exportações da área; fomentar o comércio intrarregional; impulsionar as indústrias culturais e criativas; aproveitar a oportunidade que representam os latino-americanos e caribenhos pelo mundo e promover iniciativas que gerem impacto e notoriedade no cenário global.

A imagem foi apresentada recentemente na Feira Internacional de Turismo (Fitur), na Espanha, e no Fórum Internacional da América Latina e do Caribe, realizado no Panamá. Lá, Gustavo Santos enfatizou: “Esta não é apenas uma marca, é uma declaração de identidade. LAC não é apenas uma região, é a reserva de sustentabilidade e de emotividade do planeta”.

No Panamá, o CAF e a ONU Turismo convidaram os países da região a adotar e usar a Marca Região em suas estratégias de promoção internacional. “Essa apropriação será fundamental para o seu sucesso”, disse Óscar Rueda, diretor de Turismo do CAF. 🌿

O design reflete a unidade e as cores, a diversidade da região. O CAF espera que os países latino-americanos e caribenhos comecem a se apropriar da imagem.



América Latina e Caribe

Cada caminho
uma oportunidade

FINANÇAS

Por Equipe editorial

@AgendaCAF



CAF cumpre dois anos como detentor de Direitos Especiais de Saque

Com a ferramenta dos DES, uma nova alternativa foi adicionada para apoiar operações financeiras dos países acionistas com seus recursos e sua classificação de crédito.

Há 55 anos, o Fundo Monetário Internacional (FMI) criou os Direitos Especiais de Saque (DES) como um ativo de reserva internacional complementar, equivalente ao montante fracionário do ouro, que por sua vez era equivalente a um dólar americano. Com esta alternativa, procurou-se precisamente ajudar os países membros a fortalecer sua posição em termos de reservas.

Quando o regime de taxas de câmbio fixas terminou com o desaparecimento do padrão ouro em 1973, o valor dos DES passou a ser calculado diariamente em relação a uma cesta de moedas internacionais fortes. Atualmente, essas moedas são cinco: o dólar americano, o euro, o iene japonês, a libra esterlina e o renminbi chinês (yuan). Cada uma delas tem uma porcentagem na composição correspondente ao peso de suas economias e essa participação é revisada a cada cinco anos.

Apenas o FMI, seus países membros e uma lista curta de detentores autorizados pelo Fundo, entre os quais estão as principais instituições multilaterais globais, têm acesso aos DES. No início de 2023, o CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe– tornou-se um desses 20 detentores especiais, que não têm alocações de DES, mas podem comprá-los e vendê-los.

Este evento representou um momento significativo para o CAF, pois introduziu uma nova opção para apoiar as operações financeiras de seus países acionistas com seus recursos e classificação de crédito. Na prática, criou-se uma nova via para mobilizar ativos financeiros em situações críticas e, simultaneamente, para fortalecer as relações entre os parceiros do CAF e promover o desenvolvimento sustentável.

Além de ser um instrumento de troca

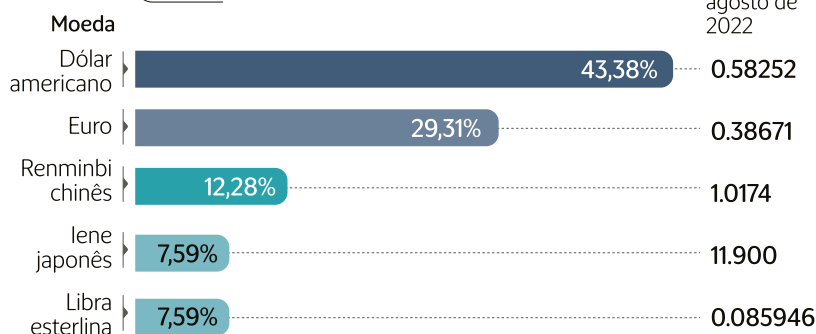
Cada uma das cinco moedas tem uma porcentagem na composição correspondente ao peso de suas economias. É revisada a cada cinco anos. → Fotos - IStock



A composição atual do SDR

Ponderações determinadas na revisão de 2022
Fonte: FMI

Número fixo de unidades moedares nos cinco anos que começaram em 1º de agosto de 2022



voluntária entre países, os DES podem ser usados por eles em operações como empréstimos, liquidação de obrigações financeiras, swaps (trocas), penhores, transferências como garantia para o cumprimento de obrigações financeiras, contratos a termo e doações. Tudo isso, claro, sujeito às restrições que impõem a condição de ativos de reserva e as normas vigentes em cada país para o manejo de suas reservas, o que, em alguns casos, chega até à proibição constitucional de certas operações.

Nos 55 anos, houve apenas quatro alocações gerais de DES aos membros do FMI. As duas últimas foram em 2009, quando foram alocados 161.000 milhões de DES, equivalentes a 250.000 milhões de dólares, com o objetivo de gerar liquidez diante da crise financeira mundial da época; e em 2021, por 456.000 milhões de DES, equivalentes a 650.000 milhões de dólares, para ajudar os países a responder à pandemia de covid-19.

Cada país membro do FMI recebeu uma alocação de acordo com sua cota, que por sua vez é determinada por uma média do PIB nacional. Quando a distribuição dos DES é feita, a maior parte vai para os países com economias mais fortes. E aqueles que estão em desenvolvimento e são mais pobres recebem uma pequena porcentagem.

Quando essa enorme autorização foi dada, o CAF se perguntou como canalizar para a região essa quantidade de DES que ficou nas mãos de países desenvolvidos e com excesso de capacidade de empréstimo. A primeira tarefa era tornar-se um detentor para poder 'entrar na conversa' e isso já foi alcançado. Nos dois anos em que tem essa condição, o CAF tem procurado fórmulas para tirar proveito disso, em meio

às restrições de manejo que as reservas internacionais têm em cada país e até mesmo a nível regional.

Por enquanto, conseguiu somar experiência com operações específicas, entre as quais se destacam dois empréstimos-ponte de liquidez de curto prazo para a Argentina, com o objetivo de apoiar o país a cobrir o pagamento do serviço da dívida com o FMI. As operações serviram de financiamento-ponte para que a Argentina continuasse com a implementação do Acordo de Facilidades Estendidas pactuado com o FMI em benefício de suas políticas fiscais, monetárias e cambiais, bem como em favor da diversificação e execução da estratégia de dívida pública.

Do que foi feito nessas operações surgiu um produto do CAF chamado Financiamento de Emergência de Li-

quidez (FEL), que pode usar os DES ou qualquer moeda, com condições especiais como que a operação seja de curto prazo e com uma fonte de repagamento muito confiável. A exploração de alternativas de uso de ativos de reserva como os DES, em benefício da região, continua. Pode ser através da incorporação de novos sócios ao CAF, da criação de novos fundos internacionais, ou com mecanismos como créditos híbridos ou doações provenientes de países com excesso de DES e interesse particular no desenvolvimento de áreas específicas da América Latina e do Caribe.

A possibilidade de que essas alternativas se concretizem depende de muitas variáveis, mas sobretudo do nível de responsabilidade que implica falar de um ativo tão importante como as reservas internacionais dos países. ❀



Ligações cada vez mais fortes com o Caribe

A expansão do CAF pelos países insulares levará a ser o banco de desenvolvimento com maior cobertura na América Latina e no Caribe. Há já 13 anos estabeleceu um escritório regional de gestão em Porto Espanha.



Os países caribenhos têm desempenhado um papel importante no fortalecimento do CAF como instituição financeira. Porto Espanha. → Foto - CAF

O Caribe contribui muito pouco para o aquecimento global, mas sofre intensamente os efeitos da mudança climática. Barbados

→ Foto - CAF

Em julho de 2023, o CAF marcou um marco na sua história ao anunciar a integração do Caribe na sua identificação, passando a ser chamada de “banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe”. A instituição, criada em 1970 por seis países andinos, transformou-se oficialmente numa entidade de enorme alcance, agora composta por 22 países da América Latina e do Caribe (LAC), Espanha e Portugal, e 13 bancos privados da região.

Destaca-se a palavra “oficialmente”, uma vez que a ligação do CAF com o Caribe remonta aos seus inícios, pois dois dos seus fundadores – Colômbia e Venezuela – são também países caribenhos, vários estados mais do Caribe continental tornaram-se membros ao longo do tempo, e há mais de 30 anos Trinidad e Tobago integrou-se ao banco como o primeiro país insular caribenho acionista Série C. Em 1999 fez o mesmo a Jamaica; em 2004, a República Dominicana, e em 2014, Barbados.

Um ano depois, o CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe– mudou seu acordo constitutivo para permitir que outros países da LAC se tornassem membros plenos, o que Trinidad e Tobago aproveitou para avançar a esse nível em 2016 após um processo de quatro anos. Desde 2021, a República Dominicana também é membro pleno.

A região do Caribe insular, onde vivem quase 45 milhões de pessoas, respondeu grandemente à estratégia do CAF de vinculá-la ao seu propósito de integração e desenvolvimento sustentável, e desempenhou um papel importante no fortalecimento do CAF como instituição financeira. Prova disso é que, na assembleia do banco de março de 2022, Trinidad e Tobago e Barbados uniram-se a outros países acionistas para impulsionar uma recapitalização histórica de 7 bilhões de dólares.

O CAF estabeleceu há quase 13 anos um escritório em Porto Espanha, que uma década depois se transformou no Escritório Regional de Gestão do CAF para o Caribe, com um gerente à frente, para aprofundar seu compromisso com a região através da promoção do



CAF perante novos países acionistas potenciais, bem como com a expansão das operações, a assistência técnica e as iniciativas de intercâmbio de conhecimentos com os governos, o setor privado e outros parceiros de desenvolvimento no Caribe.

De maneira mais específica, direcionou o apoio a temas chave como a ação climática, a preservação da biodiversidade, a água, a energia e a segurança alimentar. Também se focou no turismo sustentável, na modernização da infraestrutura, na transformação digital e na busca da estabilidade financeira.

Após a abertura dessa delegação regional em Porto Espanha, oito Estados mais da Comunidade de Países do Caribe (Caricom) expressaram formalmente seu interesse em se tornarem acionistas do CAF.

Em março de 2024, o Diretório do CAF, reunido pela primeira vez em Punta Cana (República Dominicana), autorizou a ampliação da base acionária e validou a incorporação das Bahamas, Dominica e Granada como acionistas Série C. Em julho, em Lima (Peru), aprovou a de Antígua e Barbuda.

O Governo das Bahamas completou oficialmente há poucos meses o processo, o que significará para esse país, como para todos, acesso a serviços técnicos e de conhecimento da organização,

a fundos de doação específicos para a preparação de projetos, e igualmente a financiamento ágil e flexível.

O CAF continuará expandindo sua presença no Caribe, com um apoio significativo aos Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento (SIDS, pelas suas siglas em inglês) do Caribe, que, de fato, enfrentam fortes vulnerabilidades aos efeitos da mudança climática, os quais se expressam com a intensificação de furacões, o aumento do nível do mar e as crises econômicas.

Como exemplo das ações do CAF pelo Caribe, está o apoio brindado ao Governo das Bahamas para organizar em 2023 um encontro regional sobre financiamento climático nas Américas no âmbito da Quarta Reunião Ministerial sobre Desenvolvimento Sustentável convocada pela Organização dos Estados Americanos (OEA).

Outro fato concreto é a contribuição de 15 milhões de dólares brindada pelo CAF ao Banco Azul-Verde (BGB, pela sua sigla em inglês), um projeto liderado por Barbados. A nova entidade, cuja missão é respaldar propostas específicas que levem à mitigação e à adaptação à mudança climática, faz parte da Iniciativa Bridgetown, que busca transformar o apoio financeiro que se outorga aos países pobres para enfrentar este desafio.

5

PAÍSES DO CARIBE INSULAR FAZEM PARTE DO CAF

COMO MEMBROS ACIONISTAS: BAHAMAS, BARBADOS, JAMAICA, REPÚBLICA DOMINICANA E TRINIDADE E TOBAGO. MAIS TRÊS ESTÃO NO PROCESSO PARA SE TORNAREM MEMBROS.

“Como parceiro de desenvolvimento enraizado na região, entendemos os desafios únicos que enfrentam os pequenos Estados insulares em desenvolvimento do Caribe e a urgência de abordar os efeitos da mudança climática, as limitações financeiras e a necessidade de maiores investimentos em conectividade e infraestrutura resiliente”, disse o presidente executivo do CAF, Sergio Díaz-Granados, ao anunciar a adesão das Bahamas.

A expansão do CAF no Caribe levará a ser o banco de desenvolvimento com maior cobertura na América Latina e no Caribe. 🌊



Governança Inclusiva, ALAVANCA PARA ERRADICAR A POBREZA



A aliança CAF-PNUD considera que um poder político que reflita todos os setores da sociedade facilitará a inclusão de todas as perspectivas e o desenho de políticas que contribuam para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável na América Latina e no Caribe.

O aumento da informalidade é um dos sintomas do deterioro social em muitos países latino-americanos.

→ Foto - Ángel Díaz / EL TIEMPO



ê-me uma alavanca longa o suficiente, um ponto de apoio, e moverei o mundo”.

O significado desta frase, atribuída ao gênio científico Arquimedes de Siracusa, ilustra a complexidade do desafio que os países da América Latina e do Caribe (LAC) enfrentam para tirar 172 milhões de pessoas da pobreza, das quais 66 milhões nem sequer têm renda suficiente para uma cesta básica de subsistência.

A confiança da sociedade latino-americana na democracia continua diminuindo. → Foto
- César Melgarejo / EL TIEMPO

Esse desafio faz parte do compromisso global que os países do mundo assumiram em 25 de setembro de 2015, na Cúpula de Desenvolvimento Sustentável da Assembleia Geral das Nações Unidas, para erradicar a pobreza, proteger o planeta e garantir que todas as pessoas desfrutem de paz e prosperidade antes de 2030, por meio do cumprimento dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

No entanto, as coisas não estão indo bem, nem para o mundo nem para a região. O relatório de 2023 sobre o cumprimento desses compromissos mostrou que a pandemia de covid-19 e a tríplice crise da mudança climática, a perda de biodiversidade e a poluição estão tendo repercussões devastadoras e duradouras em nível global e para a região.

Os avanços em mais de 50% das metas dos ODS foram classificados como frágeis e insuficientes, enquanto 30% delas permanecem estagnadas ou retrocederam, incluindo questões de pobreza, fome e clima. “Se não agirmos agora, a Agenda 2030 poderá se tornar o epitáfio do mundo que poderia ter sido”, advertiu o relatório.

A situação é que não se trata apenas daqueles que já são pobres. Uma em cada cinco pessoas no mundo está em alto risco de cair na pobreza. “Na América Latina, são 90 milhões de pessoas expostas”, afirmou



Luis Felipe López-Calva, diretor global de pobreza e igualdade do Banco Mundial.

Formando uma aliança

Diante deste cruzamento, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e o CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe– formaram uma aliança para servir como um ponto de apoio na região e começaram identificando a alavanca capaz de mobilizar ação coletiva que poderia reverter os resultados e ajudar a eliminar ou minimizar os riscos.

O cenário com que se deparam é complexo: a seis anos do prazo final, com as metas apenas pela metade, os países da região estão imersos em crescente polarização e desconfiança pública em seus líderes e instituições, sofrendo constantemente

o impacto das mudanças climáticas e fenômenos naturais.

A isso somam-se as pressões exercidas por problemas de segurança cidadã e conflitos de várias naturezas –muitas vezes envolvendo controle territorial ilegal–, corrupção e desigualdades extremas, que impedem a transformação das normas sociais e culturais e impedem a consolidação do contrato social e o progresso na realização dos ODS.

“O crime organizado representa um desafio permanente: a América Latina continua sendo a região mais violenta do planeta, com o maior número de homicídios per capita do mundo e uma das principais ameaças às democracias imperfeitas”, lembrou Michelle Muschett, diretora regional do PNUD para a América Latina e o Caribe.

“Para o PNUD, democracia e desenvolvimento humano são dois la-



APOIO TÉCNICO PARA FORTALECER A GOVERNANÇA

A aliança entre o PNUD e o CAF busca proporcionar melhorias na governança, com ações em cinco frentes:

- **Oferecendo sua experiência e capacidade** como facilitadores no desenvolvimento de diálogos e acordos que são essenciais para alcançar acordos que fortaleçam a governança efetiva.
- **Implementando metodologias de respos-**
- ta rápida**, adaptadas às realidades específicas de cada país, que geram recomendações claras e guias de ação para a formulação de políticas públicas de desenvolvimento.
- **Disponibilizando uma ampla gama de conheci-**
- mentos**, que inclui relatórios globais, regionais e nacionais sobre o desenvolvimento humano, entre outros recursos valiosos.
- **Provedendo equipes interdisciplinares** altamente capacitadas para responder em tempo real
- aos desafios emergentes nos países da região.
- **Fortalecendo sua colaboração** em nível nacional com os governos, oferecendo soluções locais para problemas complexos e integrando uma abordagem global e uma visão de desenvolvimento sustentável.

dos da mesma moeda que se reforçam mutuamente: quanto maior a democracia, maior o desenvolvimento humano como processo de expansão das liberdades; quanto mais desenvolvimento humano, maior a demanda por uma governança democrática que proteja e promova essas liberdades”, disse Muschett.

“Estamos convencidos de que fortalecer a governança é fundamental para construir sociedades mais justas, resilientes e sustentáveis na América Latina e no Caribe”, afirmou Sergio Díaz-Granados, presidente executivo do CAF.

Governança: essa é a alavanca identificada pelo PNUD e pelo CAF para mobilizar a região. Eles se propuseram a construir coletivamente uma base de ações da qual partir pa-

ra estabelecer uma agenda comum na qual a conversa contínua de todos os atores seja a linha condutora.

Em seguida, promoveram os primeiros diálogos sub-regionais nos quais participaram cem pessoas representativas da academia, setor privado, organizações sociais, partidos políticos, governos centrais e locais, e representantes de alguns organismos internacionais da região.

Esses diálogos confirmaram que a alavanca sobre a qual os países da região devem se apoiar para erradicar a pobreza é a governança, mas não qualquer tipo de governança: deve ser inclusiva e promover o desenvolvimento, o que implica que o poder político reflita todos os setores da sociedade, que seja possível incluir diversas visões e desenhar políticas que beneficiem cada setor.

Para alcançar isso, é incontornável uma transformação institucional por meio da profissionalização da administração pública, fortalecimento da transparência e reforço do vínculo com a cidadania.

Também significa que Estados fortes são fundamentais, aqueles que colaboram com o setor privado e consideram a comunidade, de tal maneira que as pessoas vulneráveis estejam no centro das decisões. Da mesma forma, não é possível avançar sem recuperar a legitimidade das instituições democráticas, transformar as capacidades esta-

tais, renovar os contratos sociais e pactos fiscais, e garantir a segurança cidadã e a convivência pacífica.

Democracia eficaz

Durante os diálogos, foram apresentadas medições que mostram a magnitude do problema: a porcentagem da sociedade que considera a democracia como o melhor sistema de governo diminuiu de 68% em 2012 para 59% em 2023. Enquanto isso, 72,5% dos latino-americanos acreditam que seu país “é governado por alguns grupos poderosos em benefício próprio”.

Para os especialistas, é um fato que “uma baixa legitimidade democrática tem repercussões profundas, que vão desde o deterioramento da cultura cívica até a possibilidade de apoiar respostas que enfraqueçam o Estado de direito e até mesmo a democracia, e pode até facilitar –embora não determine– uma eventual ruptura democrática”.

“No atual contexto de aumento das desigualdades e maiores tensões sociopolíticas, a governança efetiva da democracia torna-se crítica para orientar a construção de uma nova normalidade melhorada, ou seja, mais inclusiva e atenta às demandas cidadãos por justiça distributiva, coesão social e expansão de oportunidades, conforme exigido pelo ODS16 (parcerias para os objetivos)”, alertaram o PNUD e o CAF.

172

MILHÕES DE PESSOAS
NA AMÉRICA LATINA E NO
CARIBE VIVEM NA POBREZA.
DESSAS, 66 MILHÕES NEM
SEQUER TÊM -RENDA
SUFICIENTE PARA UMA CESTA
BÁSICA DE SUBSISTÊNCIA.



O fenômeno da migração retrata a falta de oportunidades de avanço social na região.

→ Foto - J. Moreno / EL TIEMPO

Ou seja, para cumprir o ODS1 de erradicar a pobreza, é indispensável garantir o ODS16, que busca promover sociedades pacíficas e inclusivas, facilitar o acesso à justiça para toda a população e criar instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.

Também é crucial impulsionar iniciativas de segurança cidadã e transformação digital nas sociedades e nas instituições públicas, promover uma fiscalidade justa, um gasto público eficaz e uma governança colaborativa, assim como o fortalecimento da democracia digital e do multilateralismo regional, tudo com uma abordagem de direitos.

“É muito importante continuar apoiando as transferências públicas e programas de proteção social, mas é fundamental criar condições para que os mercados de trabalho funcionem melhor, para que haja me-

nos pessoas no trabalho informal e mais empregos de qualidade”, afirmou Luis Felipe López-Calva.

Para Jeffrey Sachs, o renomado economista da Universidade de Columbia, é necessário uma população bem equipada para se adaptar às tecnologias em mudança, atender às necessidades locais e fazer parte das cadeias de suprimentos. Para isso, é necessária uma educação de qualidade. “Não teremos melhores empregos, não teremos salários mais altos, a menos que a educação esteja presente, seja de qualidade e que as crianças realmente aprendam no nível que deveriam.”

Portanto, não se trata apenas do ODS 1 ou do ODS16, mas de todos os objetivos que impactam uns aos outros.

A ideia é que haja menores níveis de ameaças externas, conflitos internos e homicídios e que os Estados tenham maiores capacidades

para dar respostas mais eficazes às emergências sanitárias, catástrofes naturais e à crise climática. E, acima de tudo, enfrentar a incapacidade de garantir a aplicação da lei em todo o território devido à influência de poderes de fato e à fraqueza dos poderes judiciários.

Sem dúvida, um desafio comum dos países da região é superar a corrupção e as lideranças de curto prazo que impedem a construção de acordos sociais de longo prazo e afetam a qualidade das instituições necessárias para impulsionar políticas que reduzam as desigualdades sociais e econômicas. ❧

DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Por Equipe editorial

@AgendaCAF



Timbiquí, origem do plano de escolas modulares para as zonas rurais

Um teste piloto, realizado no Pacífico colombiano, deu luz verde à iniciativa do CAF de criar sedes educativas com altos padrões de infraestrutura em locais remotos, levando assim cobertura educativa de qualidade a todos os territórios.

Crianças e jovens do Pacífico colombiano agora têm acesso à educação em melhores condições. → Fotos - CAF

Conta o presidente do CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe–, Sergio Díaz-Granados, que, seguindo as necessidades do Governo da Colômbia, começou a trabalhar com sua equipe para tornar realidade o objetivo de levar educação de qualidade às áreas mais remotas do país, que no início de 2024 teve seu primeiro sucesso com a entrega à comunidade da vereda Isla Los Brazos, no município de Timbiquí (Cauca), das novas instalações da Instituição Etnoeducativa Puerto Saija.

Esta população da zona costeira sudoeste do Pacífico colombiano, cujas vias de transporte e abastecimento são o mar e três rios, foi afetada em muitos momentos de sua história recente pelo conflito interno colombiano. Agora, foi beneficiada com o projeto piloto de escolas modulares, orientado a criar uma sociedade resiliente e a fechar lacunas sociais.

Nessa área da Colômbia, de difícil acesso, muitas instituições educativas não contam com infraestrutura suficiente para garantir educação básica de qualidade, alimentação escolar ótima e vias de acesso adequadas. Segundo dados oficiais, em Timbiquí eram necessárias mais de 300 salas de aula pa-



ra corrigir um déficit de 50% na oferta educativa existente.

A escola rural de Los Brazos foi equipada com três salas de aula modulares –estruturas de alta durabilidade e fácil montagem, com provisão de água potável, saneamento e energia–, um refeitório, sala dos professores, um conjunto de banheiros e uma cozinha. Além disso, foram melhoradas sete salas existentes, uma quadra poliesportiva e os caminhos palafíticos do cais que permite o acesso à escola. No total, foram 440 m² de nova infraestrutura e mais de 400 m² de infraestrutura existente melhorada.

Assim, garantiu-se para 132 meninas, meninos e jovens um espaço educativo com condições mais agradáveis para seu desenvolvimento acadêmico. O investimento foi de 3,6 bilhões de pesos colombianos (COP), cerca de 900.000 dólares americanos de hoje, e foi estruturado a partir de um diálogo permanente com professores e diretores da instituição, líderes da comunidade e as famílias dos estudantes.

O sistema de escola modular permite construir sedes educativas de primeiro nível, com altos padrões de qualidade a nível de infraestrutura, e contribui para a meta de expansão da

cobertura do sistema educativo em todos os territórios.

Díaz-Granados classificou o projeto educativo como “uma grande notícia para a Colômbia e América Latina e o Caribe, pois resolve um dos principais problemas para levar educação de qualidade às áreas de mais difícil acesso”.

“Considerando que 46,8% das propriedades do país estão a mais de dez horas da cidade mais próxima e 65,4% a mais de duas horas das vias principais, este projeto marca um avanço significativo no acesso equitativo à educação”, destacou Rodrigo Peñailillo, representante do CAF na Colômbia.

Este será o primeiro de uma série de colégios modulares na Colômbia, projetados especificamente para superar as barreiras de conectividade em áreas rurais. Após este teste piloto, o CAF e o Ministério da Educação lançaram o “Programa de transformação de ambientes e espaços educativos”, que contempla a intervenção em aproximadamente 126.746 m² de infraestrutura educativa rural, dividida na construção de duas novas sedes de educação superior (técnica, graduação, pós-graduação) e o melhoramento de 790 sedes educativas de pré-escolar, básica e média.

No total, foram construídos 440 m² de nova infraestrutura e melhorados mais de 400 m² de infraestrutura existente.

A iniciativa está alinhada com o Plano Nacional de Desenvolvimento “Colômbia potência mundial da vida”, que visa aumentar a cobertura da educação superior de 54% para 62% e elevar de 23% para 26% a taxa de transição para a educação superior em zonas rurais.

Outro benefício do programa é seu foco em gênero, inclusão, sustentabilidade ambiental, incorporado nos projetos a serem implementados.

Para Peñailillo, a participação conjunta do Ministério da Educação, o CAF e as comunidades locais evidencia a importância das alianças interinstitucionais para combater as desigualdades. “Este esforço não só se concentra em melhorar a infraestrutura educativa, mas também contribui para o fechamento de lacunas socioeconômicas, assegurando que o acesso à educação seja um direito universal, independentemente da localização geográfica ou do nível socioeconômico”. ❀

DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Por Equipe editorial

@AgendaCAF



'A arte da resiliência, uma série para inspirar a mudança

Cartaz de apresentação da série documental. Os capítulos podem ser vistos em www.waterbear.com

→ Fotos: CAF e Detonante

Esta produção audiovisual, impulsionada pelo CAF, PNUD e pela plataforma social Detonante, visibiliza comunidades que, com seu trabalho inovador, tornaram-se exemplos de força e determinação para enfrentar diretamente diversos desafios globais.

Uma série documental com iniciativas comunitárias de vários cantos da América Latina e do Caribe (LAC), que estão transformando seus territórios diversos e tornando-a uma região de soluções globais, circula na internet para inspirar a mudança.

Trata-se de *A arte da resiliência*, um conjunto de histórias extraordinárias de heróis ocultos que, com

seu trabalho diário, estão contribuindo para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), compromissos que os países do mundo assumiram em 2015 para erradicar a pobreza e salvar o planeta.

A arte da resiliência, que faz parte da iniciativa 'Por tODoS: El Cambio Posible', mostra que a América Latina e o Caribe, o pulmão do

mundo, é uma região pluriétnica, multicultural, cheia de soluções, criatividade e inovação, com capacidades enormes para enfrentar problemas em meio a riscos climáticos, dificuldades de segurança e polarizações sociais e políticas.

O CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe–, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e a plataforma de inovação social Detonante lançaram, no 2024, as primeiras histórias da série. Em parceria com a Resilient Foundation, a produção ficou a cargo da WaterBear Network, a plataforma aberta mais importante que existe para filmes ambientais e sociais.

Resiliência não é apenas uma palavra no título da série; é uma filosofia de trabalho que pretende mostrar que é possível construir um futuro onde todos possamos progredir e resistir aos impactos que enfrentamos. É como se dobrar e não quebrar. “A resiliência é uma narrativa que permite olhar para o futuro com esperança. Não se trata apenas de resistir ao impacto, mas de crescer e prosperar após esse impacto. É uma narrativa que nos impulsiona para a frente”, explicou María López, fundadora e diretora da Detonante.

“É fundamental visibilizar as soluções globais que nascem em nossa região: os rostos, ideias, conquistas e projetos latino-americanos e caribenhos que muitas vezes passam despercebidos. Queremos mostrar ao mundo que LAC é uma região solução, que a mudança é possível quando agimos coletivamente e cada um de nós pode fazer a diferença”, disse Sergio Díaz-Granados, presidente executivo do CAF.

O projeto começou com uma convocatória que recebeu 700 propostas de projetos para visibilização. Dentre elas, foram escolhidas as primeiras histórias. Na primeira temporada, a série leva os espectadores a uma viagem por populações do México, Colômbia, Chile, Barbados, Equador e Jamaica, para conhecer comunidades que trabalham com inovação e adaptação às circunstâncias críticas de seus territórios e são exemplo de força.

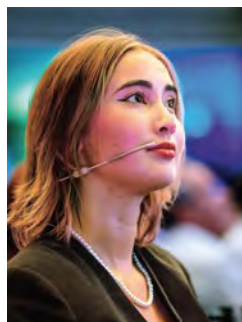


A TREMENDA LÍDER DAS MENINAS

Filha de um médico e uma jornalista, Julieta Martínez é uma chilena que se tornou um ícone juvenil e um canal para que meninas e jovens pudessem ser ouvidas.

Em 2018, aos 15 anos, criou na internet a plataforma Tremendas, através da qual as vozes delas ressoam por todo o globo. Lá, elas trocam experiências de vida e ideias que buscam transformar o mundo a partir do cotidiano.

Tremendas foi escolhida como uma das histórias da série *A Arte da Resiliência* por seu trabalho em defesa da liberdade de gênero, e por conseguir que meninas, jovens e adolescen-



tes sejam consideradas nas decisões globais.

“Minha preocupação era como conectar esses talentos que me apaixonam e que podem ajudar da escola, do bairro, do país e do mundo, e perceber que não precisamos ser super-heróínas para ge-

rar um impacto positivo a partir da ciência e da arte”, confessou Julieta Martínez em um fórum. Hoje a plataforma consolidou uma rede de 1.700 voluntárias, com presença em 18 países da América Latina, do Caribe e de outras regiões, e foca em educar sobre temas como clima, ciência, gênero, incidência e cidadania.

Seu site: <https://tremendas.org/>

Um episódio mostra o trabalho de Ilsa Urbana, um projeto que, através de uma tecnologia de captação de água da chuva, leva água potabilizada a comunidades vulneráveis e remotas do México onde não há serviço hídrico. Outro é dedicado a Nashira, um coletivo de colombianas que trabalham em uma eco-aldeia na região do Vale do Cauca, onde produzem e desenvolvem seus talentos trabalhando a terra e vivendo em comunidade. Em seu trabalho, não usam herbicidas nem fertilizantes que não sejam orgânicos.

Em um terceiro capítulo, a protagonista é uma jovem chilena que, por meio da plataforma Tremendas, visibiliza histórias de meninas e jovens que trabalham pela equidade de gênero e interagem para potencializar e compartilhar suas histórias.

O desenvolvimento de cada episódio contou com a participação de artistas que contribuíram com música, cultura e arte para criar uma conexão emocional profunda com a audiência, e mostrar o poder transformador da arte e da cultura em nossas sociedades.

“Como PNUD, confiamos que esta iniciativa nos aproximará um pouco mais dos objetivos comuns que nos unem como sociedade e contribuirá para impulsionar o desenvolvimento inclusivo, resiliente e sustentável da América Latina e do Caribe”, afirmou Michelle Muschett, diretora regional do PNUD para a América Latina e o Caribe.

“Queremos inspirar outros a ver a força que reside em nossas comunidades e como, através da colaboração e criatividade, podemos construir um futuro mais inclusivo e sustentável”, disse López. Em seu conceito, temas como os ODS devem ser abordados com narrativas “que emocionem, entretenham, inspirem e, no final, gerem chamados à ação e reflexões” A ideia é simplificar os conteúdos dos ODS para que qualquer cidadão comum os possa entender e apropriar-se deles. E a melhor maneira de fazer isso é através das histórias de quem os coloca em prática.

A série pode ser assistida na plataforma WaterBear.com. 🌱



IA, ferramenta para a transformação

As tecnologias que simulam a inteligência humana estão permitindo fazer mais com menos recursos.

Sua chegada traz riscos claros para a região, mas também grandes oportunidades.

A **inteligência artificial (IA)** é uma realidade que está mudando o mundo e remodelando a maneira de viver dos seres humanos.

Os sistemas e tecnologias projetados para imitar ou simular a inteligência humana representam um avanço tecnológico que está otimizando a produção de alimentos, melhorando os diagnósticos de saúde, incluindo mais pessoas no sistema financeiro, revolucionando a forma de educar e acelerando a produção de infraestrutura, entre outros efeitos positivos. Em geral, a IA está impulsionando a inovação em tudo e permitindo fazer mais com menos recursos.

No entanto, a IA também representa riscos –cuja gravidade dependerá de como for adotada, implementada e regulada–, especialmente para os países em desenvolvimento, entre os quais estão quase todos os da América Latina e do Caribe (LAC).

O risco mais relevante é o aprofundamento das brechas, na medida em que na LAC ainda há 30% da população sem acesso à internet. Há segmentos da sociedade que estão aproveitando, por exemplo, o uso da IA para aplicações produtivas ou de uso diário e há outra parte da população que nem sequer pode acessar uma página da web,

sistemas de informação online ou conteúdos educacionais.

Segundo Mauricio Agudelo, diretor de Transformação Digital do CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe–, o aumento das brechas digitais teria um impacto importante, especialmente nos mercados de trabalho. “Na medida em que houver uma demanda maior por capacidades de desenvolvimento de código e, em geral, por habilidades da quarta revolução industrial, e muitas pessoas não estiverem adquirindo essas habilidades, haverá perdas significativas de empregos”.

Outro risco na LAC é a brecha do desenvolvimento digital. Há países como Brasil, Uruguai, Chile ou Colômbia que estão desenhando políticas modernas de inteligência artificial, especialmente no âmbito da IA generativa (para criar conteúdo), e outros que ainda têm enormes desafios em infraestrutura.

Um terceiro ponto é o dos modelos de linguagem profundos (LLM, em inglês), que habilitam a inteligência artificial. Muitos são alimentados em inglês e não estão incorporando conteúdo ou algoritmos em espanhol, o que reduz as possibilidades de desenvolvimento da indústria digital latino-americana.



A robótica está em uma verdadeira revolução graças aos desenvolvimentos em inteligência artificial. ➔ Foto - IStock

Além disso, a IA requer computadores de alto desempenho que possam processar grandes volumes de dados, e aí há outro desafio em termos de infraestrutura para a região. Isso, adicionalmente, tem um aspecto energético-ambiental. Um dado do Boston Consulting Group indica que o consumo de megawatt/hora das quatro grandes empresas tecnológicas de IA é similar ao de uma hora na Colômbia. Portanto, existe o desafio de tornar esse consumo de energia para

43,2%

É A PROBABILIDADE MÉDIA DE SUBSTITUIÇÃO
TECNOLÓGICA NOS SETORES DE ADMINISTRAÇÃO
PÚBLICA E DEFESA NA AMÉRICA LATINA.



O PAPEL DOS GOVERNOS E DAS EMPRESAS PRIVADAS

Mauricio Agudelo, diretor de
Transformação Digital do CAF:

O que os governos da LAC deveriam fazer para adotar a IA e fortalecer a economia digital?

Primeiro, definir uma estrutura de governança e, em seguida, ter uma política pública ou uma agenda digital em torno do tema. Além disso, é necessário trabalhar em quatro grandes questões: infraestrutura de computação, mas também de banda larga; capacidade de inovação, pesquisa e desenvolvimento, tanto no nível das universidades quanto da indústria digital associada; preparação do talento digital que vai entrar em todo o ecossistema de IA e adoção da IA por parte das empresas nos modelos de negócios.

E qual é o papel da empresa privada neste desenvolvimento digital na região?

Há dois grandes frentes: um, a adoção da IA, não mais como um assunto dos chefes de tecnologia, mas das diretorias e da alta gestão das empresas. E dois, investir no desenvolvimento de ecossistemas associados à IA ou startups de IA.



IA mais eficiente e alcançar a carbono neutralidade.

Como se vê, a IA pode ser uma ferramenta transformadora para os países em desenvolvimento, mas se for abordada estrategicamente. Com preparação adequada e uma visão ética, poderia reduzir desigualdades e acelerar o progresso. No entanto, se os riscos forem ignorados, poderia aprofundar brechas sociais e econômicas. “O sucesso reside em equilibrar esses fatores”, explicou Agudelo.

Assunto do CAF e Unesco

A desafiadora situação motivou o CAF a estabelecer uma aliança com a Unesco, a Organização das Nações

Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, em 2022, para promover o desenvolvimento ético e inclusivo da IA na região. O trabalho conjunto alcançou avanços significativos em sete países, incluindo assistência técnica na elaboração de políticas de IA, implementação de modelos de experimentação normativa e desenvolvimento de talentos na área.

No contexto da Segunda Cúpula Ministerial e de Altas Autoridades sobre a Ética da Inteligência Artificial na América Latina e no Caribe, realizada no ano passado em Montevideu (Uruguai), a Unesco e o CAF renovaram o compromisso com uma declaração conjunta que reafirma o objeti-

vo comum de fortalecer a governança da IA na região.

Isso inclui o apoio ao desenvolvimento e implantação da Metodologia de Avaliação do Grau de Preparação (RAM) para a IA da Unesco, a implementação da rota aprovada na mesma cúpula de Montevideu, a assistência no desenho de instituições líderes e agências governamentais de IA, e a organização da terceira cúpula regional sobre IA e Ética este ano.

Ambas as organizações buscam posicionar a LAC como um ator global no âmbito da IA ética e garantir que o desenvolvimento tecnológico na região seja inclusivo e respeite os direitos humanos. 🌟

ASSUNTOS REGIONAIS

Por Equipe editorial

@AgendaCAF

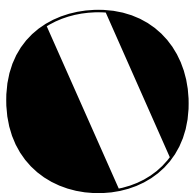


O narcotráfico em todos os seus níveis continua sendo um alto gerador de criminalidade e violência em muitos lugares da América Latina e do Caribe.

→ Foto - Mauricio Moreno / EL TIEMPO

Segurança, o grande desafio da região

O aumento da criminalidade não só afeta o crescimento econômico e o desenvolvimento social da América Latina e do Caribe, mas também a confiança de seus cidadãos na democracia. O que fazer? A aposta deve ser por uma resposta integral.



personagem desta história não é real, mas bem poderia ser. Chamaríamos ele de 'Mateo Rodríguez'.

'Mateo' teria, digamos, 18 anos. Seria ainda um adolescente, mas também um adulto. Um cidadão que, por lei, poderia votar e também iria para a prisão se um crime fosse comprovado em qualquer um dos 33 países que compõem a região da América Latina e do Caribe (LAC).

Se este 'Mateo' existisse, as probabilidades de que tivesse uma vida turbulenta e perigosa onde nasceu e cresceu seriam altas. As estatísticas revelam que 160 milhões de pessoas latino-americanas e caribenhas, quase um quarto da população total, são jovens. Os mesmos números concluem que aproximadamente metade deles não termina seus estudos escolares. E que muitos estão considerando deixar em breve seu local de nascimento para buscar fortuna nos Estados Unidos, Espanha ou outro país desenvolvido. E pensam que o melhor para seu país – não tão desenvolvido – seria a chegada de um regime de 'mão dura', porque, como mais de 40% dos habitantes da LAC, já teriam perdido a fé na democracia.

Mais um dado: os jovens da região, como 'Mateo Rodríguez', têm quatro vezes mais chances de morrer assassinados do que se vivessem em outra parte do mundo. Um em cada três assassinatos ocorre na LAC, embora abrigue menos de 10% da população do planeta.

Mas isso não é tudo: World Population Review, uma organização independente que monitora, analisa e faz projeções sobre questões populacionais, publicou recentemente uma lista com as 50 cidades mais violentas do mundo concentradas em apenas onze países, dos quais nove pertencem à LAC: Brasil, Colômbia, El Salvador, Guatemala, Honduras, Jamaica, México, Porto Rico e Venezuela.

"Sem segurança não é possível o desenvolvimento e, sem desenvolvimento, a segurança não é possível", disse Sergio Díaz-Granados, presidente executivo do CAF – banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe –, em sua última conferência anual, realizada na cidade de Washington. "Temos que exercer nossa responsabilidade coletiva para tomar ações decisivas contra os desafios que ameaçam a segurança", acrescentou.

Segundo Díaz-Granados, a insegurança cidadã é um dos "lastros históricos" mais preocupantes para a região. E as causas dessa insegurança mudam muito pouco de país para país: a pobreza, o desemprego, o

fácil acesso a armas brancas e de fogo, o microtráfico e o narcotráfico, a desigualdade...

Sim, a desigualdade, porque a região é também a área mais desigual do mundo. O relatório do CAF "Desigualdades Herdadas" (2022) destaca que na LAC os 50% mais pobres da população ficam com 10% dos rendimentos, enquanto os 10% mais ricos recebem 55%. Em termos de riqueza, a concentração é muito maior: os 10% mais ricos acumulam 77% da riqueza e os 50% mais pobres apenas 1%.

Além disso, o crime não só se organizou, mas também se sofisticou e não fica no limite de seus negócios. Inclusive, em certas áreas de alguns países, as gangues e organizações criminosas substituíram em suas funções os Estados, que têm que investir cada vez mais em segurança, enquanto veem reduzir suas oportunidades de crescimento econômico por causa dos criminosos. De acordo com um estudo do Fundo Monetário Internacional de 2023, reduzir o nível de delinquência na América Latina para o nível médio mundial aumen-



Os riscos de segurança fazem com que seja frequente ver o Exército dedicado a tarefas de controle nas ruas das cidades da região.

→ Foto - Santiago Saldarriaga/EL TIEMPO

1

UM EM CADA TRÊS ASSASSINATOS OCORRE NA LAC, EMBORA A REGIÃO ABRIGUE MENOS DE 10% DA POPULAÇÃO DO PLANETA.

A insegurança obriga os governos nacionais e locais a investir cada vez mais em homens e equipamentos de segurança.

→ Foto - Jaiver Nieto / EL TIEMPO



taria o crescimento econômico anual da região em 0,5 pontos percentuais.

A democracia perde

Outra vítima do crescimento da criminalidade é a democracia. Diversos estudos mostram que apenas três em cada cinco adultos da região ainda acreditam que ela é a melhor forma de governo. Além disso, apenas dois desses cinco indivíduos estão satisfeitos com os resultados que a democracia trouxe para eles, principalmente porque consideram que ela não melhorou suas vidas: não ajudou nem mesmo a cobrir suas necessidades mais básicas, como alimentação ou segurança.

Para Rebecca Bill Chávez, presidente do Diálogo Interamericano (DIA), um centro de pensamento sediado em Washington que promove a prosperidade, a inclusão social e o desenvolvimento sustentável nas Américas, não é surpreendente que a confiança no sistema democráti-

co esteja em baixa: “Não deveria nos surpreender que as pessoas percam a fé na democracia, pois não podem enviar seus filhos à escola com segurança”.

“As ameaças à segurança transcendem as fronteiras nacionais. O tráfico de drogas e o crime organizado corrompem instituições, geram migração e desestabilizam as economias. Os cidadãos não percebem os benefícios tangíveis da democracia”, admitiu o presidente dominicano, Luis Abinader, na abertura da mais recente Conferência Anual do CAF, em Washington.

Várias organizações internacionais concordam que a violência e o crime contribuem significativamente para esse fenômeno de desconfiança. E concordam também que, à medida que o ceticismo em relação à democracia aumenta, o entusiasmo por governos que lidam duramente com criminosos e violentos também cresce. Uma pesquisa do Latinobarô-



metro estimou que a confiança em um sistema autoritário subiu de 12% para 17% nos últimos anos, enquanto a confiança na democracia caiu de 56% para 48%.

A luz no final do túnel

Para alguns especialistas, a forma mais fácil de entender o crime é vê-lo como uma doença contagiosa: um vírus com potencial de se tornar uma epidemia se não for controlado a tempo. “Os vírus se espalham primeiro entre os mais vulneráveis (sem defesas) e depois afetam os menos vulneráveis. O vírus então muta, assume novas formas e se estabelece de maneira estratégica em subgrupos da população que compartilham um alto índice de fatores de risco”, diz um relatório do CAF a respeito.

Este enfoque indica que não é apenas crucial conter a propagação do delito ou da doença, mas também garantir um ambiente limpo e seguro para que não haja riscos de uma epidemia de saúde ou de violência. Curar, mas também prevenir.

A resposta integral à criminalidade, dada sua complexidade, não é uma abordagem nova. Nas conclusões do relatório “Por uma América Latina mais segura”, publicada há mais de 10 anos, afirmou-se: “O desenho e a implementação eficaz de políticas (contra o crime) requerem inicialmente um diagnóstico sobre os determinantes deste fenômeno que vá além da retórica simplista, na qual o crime é consequência apenas das carências sociais ou, alternativamente, da falta de um regime de controle e punitivo mais rigoroso”.

Diferentes pesquisas de várias organizações também concluíram que as estratégias de controle policial rigoroso para impor a ordem não necessariamente resultaram em uma redução do crime e da violência. Por outro lado, aquelas que, além de uma aplicação rigorosa das leis, combinam o trabalho direto com as comunidades e o serviço social, mostraram melhorias significativas em termos de segurança.



Essas táticas, mais focadas na “construção social” do que na “repressão social”, são conhecidas como “estratégias de dissuasão focalizada”. Existem mais de 50 estudos —realizados nas últimas três décadas e em várias partes do mundo— que apoiam a teoria de que são eficazes na redução da delinquência, especialmente quando usadas em locais com presença de gangues ou bandas organizadas.

No entanto, claro, os especialistas também concordam que, muitas vezes, é mais fácil e rápido encher um quarteirão problemático de policiais bem armados do que abordar os problemas sociais, embora as evidências sugiram que os investimentos mais rentáveis são aqueles focados na primeira infância e enfatizam o papel crucial da família para proporcionar nutrição adequada, estilos de criação protetores e um ambiente livre de violência doméstica, entre outros benefícios.

Essa mesma evidência também indica que nunca é tarde para usar as estratégias de “dissuasão focalizada” contra o crime, pois ajudam a reduzir a delinquência, mesmo quando os grupos afetados são compostos por adultos. Voltando às metáforas e

Os jovens das áreas mais pobres da região correm um alto risco de acabar na criminalidade.

→ Foto - Santiago Saldarriaga/EL TIEMPO

aos vírus: os ambientes físicos, sociais e familiares seguros também podem se tornar uma epidemia e se espalhar para o bem de toda a comunidade.

Para o bem de ‘Mateo Rodríguez’, o jovem fictício do início deste artigo. Se os enfoques de uma segurança repressiva mudarem para uma segurança mais integral, com um forte componente social, certamente para ele —e para seus filhos e netos— poderia haver luz no final do túnel. De repente, eles poderiam terminar a escola; talvez não precisassem migrar para nenhum outro canto do mundo; e talvez acreditassem mais na democracia; e certamente, até, morreriam de velhice, sem medo de serem assassinados, numa região já não tão insegura nem tão violenta. ❄

ASSUNTOS REGIONAIS

Por Equipe editorial

@AgendaCAF



Machu Picchu, a cidadela imperial inca, recebe cerca de 1,6 milhão de visitantes cada ano. Continua sendo um dos emblemas do turismo na região. → Foto - Javier Nieto / EL TIEMPO

Turismo em LAC, uma grande oportunidade

A tendência atual do setor é buscar experiências naturais, étnicas e culturais. América Latina e o Caribe oferecem todas elas. Sua indústria turística não é apenas criativa e dinâmica, mas também resiliente, pois se recuperou no pós-pandemia com mais velocidade do que a de outras regiões.

A grande variedade de aves da região atrai muitos visitantes da América do Norte, Europa e Ásia.

→ Foto - Juan Pablo Rueda / EL TIEMPO

Abaixo: O interesse em conviver com comunidades indígenas e compartilhar sua relação com a natureza gerou um nicho turístico especial. Comunidade Embera no Panamá.

→ Foto - John Montaña / EL TIEMPO



m 2020, o turismo sofreu um golpe histórico: a pandemia confinou o mundo e as viagens foram suspensas. O setor

turístico experimentou uma queda dramática. Cinco anos depois, a América Latina e o Caribe (LAC) voltaram a superar os níveis anteriores ao surto de covid-19.

De fato, a região encerrou 2024 com 103% de viajantes em comparação com os níveis anteriores a 2020, enquanto o mundo em geral alcançou 98% de recuperação em relação aos números de 2019. Globalmente, a Ásia demorou mais para se recuperar devido às restrições impostas. No entanto, nosso continente já alcançou uma recuperação de receita de 113%.

Imparável, o turismo cresce, embora cidades como Barcelona ou Venezuela busquem maneiras de organizá-lo porque a massificação dos viajantes aumenta os preços dos aluguéis e desloca a população local por uma de maior poder aquisitivo. No entanto, as previsões do setor indicam que o número de viajantes continuará aumentando, e não apenas nas grandes cidades.

A pandemia fomentou a virtualidade, e desde então os nômades digitais têm mudado a dinâmica de viajar apenas por férias ou trabalho.

Com a única condição de ter conectividade, eles buscam destinos naturais que lhes permitam viver bem a um custo menor.

Oscar Rueda, diretor de Turismo no CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe–, sabe que o turismo é um setor resiliente e adaptativo como poucos e que, diante das tendências dos viajantes de hoje, o destino mais desejado é o LAC. Os viajantes atuais, antes de voltarem com uma foto ao lado de um monumento, preferem experiências com a paisagem e suas comunidades.

Tendências atuais

“Os viajantes de hoje querem aprender com os locais, com os povos indígenas, sobre sua medicina ancestral e sua visão de mundo. LAC oferece muito disso, além de natu-

reza, existem outros atrativos que mobilizam viajantes a viver experiências mais profundas”, explicou Rueda. A região abriga 40% da biodiversidade mundial. Além disso, possui seis dos países mais megadiversos do mundo, 11 dos 14 biomas da Terra e 36% das florestas intactas.

Nesse contexto, o turismo surge como uma grande oportunidade. Os números parecem deixar isso claro: nos primeiros nove meses de 2024, 1,1 bilhão de turistas viajaram para destinos internacionais e, segundo o último Barômetro de Turismo Mundial da ONU Turismo, uma das regiões com maior recuperação foi a América Latina.

Se no mundo, em geral, 11% mais pessoas decidiram fazer as malas em comparação com 2023, na Colômbia, por exemplo, superou-se o recorde histórico de visitantes es-



CASOS DE SUCESSO EM TURISMO COMUNITÁRIO E SUSTENTÁVEL

► **No Refúgio Caimán**, no Pantanal (Brasil), o ecoturismo permitiu a proteção do jaguar e de outras espécies, beneficiando uma comunidade tradicionalmente pecuária.

► **A Costa Rica, como país**, focou na conservação do meio ambiente e no ecoturismo desde os anos 90. Hoje recebe três milhões de visitantes por ano e sua beleza natural continua sendo um ímã para os visitantes.

► **Na Colômbia**, a agência Ecodestinos promove o turismo sustentável há pelo menos duas décadas. No Amazonas, trabalha com intérpretes e prestadores de serviços locais em Puerto Nariño para que o visitante conheça os sabores amazônicos, apoie a conservação do macaco churucu e do golfinho rosa, se envolva na tradição das plantas medicinais e aprenda a cerâmica tikuna.



A natureza exuberante e a incomparável biodiversidade da Amazônia trazem cada vez mais turistas aos diversos destinos da região. ➔ Foto - Juan D. Buitrago / EL TIEMPO

trangeiros ao atingir 6,2 milhões. As operações aéreas semanais também cresceram 23%. Na região, além da Colômbia, o destino com o melhor desempenho foi Curaçao, sem esquecer a América Central e o Caribe.

No entanto, para que o turismo se torne uma verdadeira possibilidade de desenvolvimento, é necessário trabalhar, segundo Rueda, em várias abordagens que permitam potencializar as experiências e converter o setor em motor de desenvolvimento.

Enfoques étnicos e sustentáveis

Um dos enfoques é valorizar as manifestações dos grupos étnicos para que os visitantes se envolvam nelas junto aos locais. Um exemplo é o plano piloto do CAF no Brasil, que estimula o afroturismo e coloca em primeiro plano os empreendedores afro-brasileiros para que incorporem experiências que envolvam sua cultura, história e vivências.

Uma segunda opção é criar espaços de conservação da natureza com a possibilidade de as comunidades indígenas ou os locais dos territórios transmitirem seus conhecimentos aos visitantes. Esse valor adicionado evita a depredação do habitat ao ser orientado pela própria comunidade, que presta os serviços e cuida de seu território. De fato, uma aliança com o etnoturismo foi iniciada na feira Fitur deste ano, em Madrid, para premiar projetos de empreendimento turístico que transformem o conhecimento ancestral em produtos.

Uma experiência adicional que gera grande impacto é a paisagem cultural do café, que evoluiu de uma visita a uma fazenda para um envolvimento do visitante com um beneficiamento de café para aprender como é o processo da semente à xícara. Algo semelhante acontece com o cacau no Equador ou México. A degustação e a experiência de participar na produção e transformação são hoje um produto turístico de amplo crescimento.

As novas gerações querem conhecer o mundo e absorver suas diferentes culturas. Altos del Chavón, República Dominicana.
➔ Foto - Sonia Perilla / EL TIEMPO



Um quarto enfoque responde à cultura. Enquanto os destinos de praia e sol costumam se assemelhar entre si, as manifestações culturais são únicas e memoráveis por isso mesmo. Além disso, não competem umas com as outras, porque cada uma oferece uma vivência diferente.

O Inti Raymi no Peru, o Carnaval de Barranquilla na Colômbia, as missões jesuíticas no Paraguai ou o Dia dos Mortos no México não competem entre si, mas cada um é um atrativo suficientemente único para atrair visitantes por conta própria. Para isso, é necessário transformar esses atrativos e a diversidade em produtos turísticos que possam ser oferecidos. Peru e México, de fato, já transformaram sua gastronomia e cultura em manifestações culturais que atraem turistas por si só.

Uma linha fundamental é quando as comunidades se unem para oferecer turismo comunitário e sustentável. A sustentabilidade se identifica com o ambiental e exige envolver a comunidade e fazê-la participante para que não se sinta discriminada; envolvê-la no cuidado de seu território e permitir que seja fornecedora de serviços, bem como planejar o número de visitantes que serão recebidos e as contingências que possam surgir. Um planejamento adequado evita possíveis choques.

O CAF premiará em 2025 empreendimentos em matéria de turismo étnico. No ano passado, já havia premiado as melhores propostas em turismo comunitário. Ambos buscam que, quando o turista retornar para casa, o local visitado fique melhor do que quando foi encontrado, porque o visitante contribuiu para melhorar a comunidade.

Finalmente, para que o turismo



seja uma oportunidade real, é necessário melhorar a infraestrutura dos locais, bem como permitir o fluxo de investimento estrangeiro. Se o setor público investe em regiões de potencial turístico e permite seu desenvolvimento, esses locais se beneficiam com o investimento privado e aumentam seu desenvolvimento. O CAF tem desenvolvido guias de investimento turístico que incluem os incentivos e condições de países como Uruguai, Honduras, Jamaica, Peru, El Salvador, México, Brasil e Panamá.

Existem mais aspectos, claro. O CAF, por exemplo, investe na renovação urbana, por meio do financiamento de centros históricos como os de Panamá, Lima ou Santa Marta, que foram transformados em po-

los de turismo; ou em infraestrutura básica de saneamento e planos de ordenamento territorial, como em Colón (Panamá), para que se possa oferecer um turismo melhor.

Uma clareza delinea esses investimentos: os turistas de hoje, além de experiências, requerem infraestrutura e conectividade.

Melhor infraestrutura e planejamento

A América Latina e o Caribe têm diante de si uma grande oportunidade conjunta. O convite é para oferecer tarifas circulares e promoções conjuntas em uma grande política continental de céus abertos, além das considerações de cada destino ou companhia aérea, visando um benefício comum.

6

OS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE
ESTÃO ENTRE OS DE MAIOR BIODIVERSIDADE DO MUNDO. SÃO ELES BRASIL, COLÔMBIA, EQUADOR, MÉXICO, PERU E VENEZUELA.

É claro que o turismo continuará crescendo, e é importante traçar desde já as estratégias. Segundo o relatório de pesquisa do Mercado Global de Turismo de Bem-Estar, o setor alcançará 2,3 trilhões de dólares até o final de 2033, porque cada vez mais pessoas buscam saúde física e mental em suas viagens, e optam por destinos que lhes permitam uma maior conexão com o ambiente e sua consciência. De acordo também com outro relatório, o do Mercado de Turismo Sustentável 2024-2028 da Research and Markets, espera-se que o mercado global de ecoturismo atinja 331.620 milhões de dólares até 2027, com uma taxa de crescimento anual composta de 10,87%.

A região ainda pode alcançar um enorme desenvolvimento graças à sua oferta natural de pelo menos 14 ecossistemas diversos e atrações naturais, que vão do Caribe à Patagônia, e às suas manifestações culturais, etnias e grupos populacionais. A partir de um modelo que beneficie as comunidades e proteja o meio ambiente, o turismo é já a melhor oportunidade. 🌿



Tras La Perla ou a devoção de Carlos Vives por Santa Marta

O cantor e compositor colombiano possui uma fundação que trabalha pelo desenvolvimento de sua cidade natal e é promotor da comemoração dos seus 500 anos de existência, que serão completados em julho próximo.

} Carlos Vives trabalha com sua fundação no bairro Pescaito, reconhecida como berço de futebolistas. ➔ Fotos - Fundación Tras La Perla

“Em uma praia adormecida sob uma Serra sagrada, a tarde doce vestida de mil estrelas douradas. Há uma pérola andaluza sobre a areia prateada e um mar azul que se embala com sua beleza encantada”.

Assim começa uma das canções do renomado cantor e compositor colombiano, Carlos Vives, intitulada La Perla e dedicada à cidade à beira do Caribe e ao pé de uma serra mágica, onde nasceu e cresceu: Santa Marta, que em breve completará 500 anos de fundação pelos espanhóis.

A cidade mais antiga da Colômbia é para o artista “A Pérola da América”, razão pela qual ele não hesitou em nomear sua fundação, Tras La Perla. “O trabalho da fundação é uma maneira



Um dos projetos de Tras La Perla é levar água e saneamento básico às casas palafíticas da Ciénaga Grande de Santa Marta.

de sentir que retorno à minha terra tudo o que ela me deu”, explicou.

“Os dez anos que temos trabalhado foram uma oportunidade para me reconectar com minhas raízes, encontrar um sentido muito mais profundo em meu trabalho como artista e cumprir um pouco com aqueles espíritos de Santa Marta que me ensinaram a amar minha terra, mas, acima de tudo, a entendê-la”, acrescentou o cantor e compositor.

Esse trabalho, que vai além dos limites da cidade, beneficiou comunidades como as da Ciénaga Grande de Santa Marta, que vivem em palafitas cercadas pela água, mas, paradoxalmente, acesso à água é o que menos têm. Por isso, Tras La Perla empreendeu um projeto piloto para levar água e saneamento básico a eles.

A marca do artista também está no colorido e popular bairro Pescaíto de Santa Marta, onde sua fundação construiu ‘La casa de los pescaítos’, uma ludoteca para benefício de mais de 400 crianças, e ‘La casa de la danza’, onde se reúnem uma dúzia de grupos de crianças e mulheres.

Mas a construção mais importante, nas palavras de Isabel Vásquez, diretora executiva de Tras La Perla, foi a da confiança. “A construímos liderando processos, articulando esforços com diferentes entidades e mostrando resultados concretos que perduram”, explicou Vásquez.

A Ciénaga Grande, Pescaíto e também a Sierra Nevada são “pontos neurálgicos deste território que, ao tocá-los, como se fosse um trabalho de acupuntura, curam melhor o ambiente”, acrescentou a diretora. O papel da fundação é conectar esses lugares entre si e, por sua vez, Santa Marta com o mundo.



Mudando vidas

Carlos Vives é um embaixador de seu território. Onde quer que vá com suas canções e histórias, fala de sua cidade. Embora os problemas de Santa Marta sejam grandes, o artista acredita que os esforços de Tras La Perla estão realmente mudando vidas. “É uma emoção muito grande, uma esperança. Sentimos que este trabalho pode inspirar novos cidadãos a se unirem e fazerem parte da solução”, disse.

“A música nos deu reconhecimento e isso nós quisemos colocar a serviço de nossa comunidade. A música me ensinou a entender nossa terra e nosso povo e, ao mesmo tempo, me deu a oportunidade de trabalhar para eles. Esse é o maior legado”, destacou o cantor e compositor.

Carlos tem a convicção de que os sonhos estão no lugar de origem; por isso, recusou-se a viver em outro território. “Que essas mudanças nos façam dizer num futuro, espero que não muito distante, que quem fica é quem triunfa, não quem vai embora”, concluiu.

‘A cidade de origem’

Para comemorar os 500 anos de Santa Marta, Tras La Perla criou a marca ‘A cidade de origem’, que foi adotada pela Prefeitura da cidade. Além disso, planejaram uma agenda com diferentes atividades culturais durante todo o ano para divulgar a história samária.

DE MÃOS DADAS COM O CAF

Na busca por empresas e organizações que se juntem ao trabalho por Santa Marta, a fundação Tras La Perla encontrou um aliado estratégico: o CAF – banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe.

“Nos tornamos seu par de confiança porque estamos na cidade o tempo todo. Conhecemos mutuamente o trabalho e a capacidade de execução; eles como banco e nós como fundação operativa”, explicou Isabel Vásquez.

O CAF está fazendo empréstimos diretos à cidade, e a fundação atua como acompanhante e fiscalizadora para que as coisas sejam bem feitas e funcionem. “O CAF está abrindo muitas oportunidades para Santa Marta”, disse Vásquez.

Vives convidou pessoalmente o rei da Espanha, Felipe VI, para a comemoração dos 500 anos de Santa Marta, que será celebrada em 29 de julho de 2025. O rei não pode vir, mas o navio-escola da marinha espanhola Juan Sebastián Elcano fará uma parada na Colômbia e a bordo virá sua filha Leonor, princesa das Astúrias e herdeira do trono, que terá um encontro cultural com um grupo de mulheres indígenas. ❧

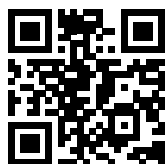
LIVROS

Por Equipe editorial

@AgendaCAF



Publicações



Nesta seção, são resenhadas publicações editadas pelo CAF, assim como outras coeditadas em colaboração com diversas instituições e/ou referências. Acima, o código de acesso.

MUDANÇA CLIMÁTICA E BIODIVERSIDADE



Título: Relatório de Economia e Desenvolvimento 2023. *Desafios globais, soluções regionais: América Latina e Caribe diante da crise climática e de biodiversidade.*

Autores: Pablo Brassiolo, Sebastián Vicuña, Juan Odriozola, Manuel Toledo, Ricardo Estrada, Federico Juncosa, Gustavo Fajardo y Ernesto Schargrodsky.

Este estudo aborda os desafios que a América Latina e o Caribe (LAC) enfrentam em relação às mudanças climáticas e à perda de biodiversidade, problemas impulsionados por atividades humanas como o consumo de energias fósseis, mudanças no uso do solo e exploração excessiva de recursos naturais.

O relatório revisa projeções climáticas e análises de dados sobre emissões e uso do solo, além de políticas regionais, para evidenciar os impactos atuais e futuros das mudanças climáticas, como o aumento das temperaturas, alterações nas precipitações e perda de ecossistemas.

Embora historicamente a LAC tenha sido responsável por uma parte menor das emissões globais, a região é altamente vulnerável devido à sua biodiversidade única e dependências econômicas em setores como agricultura e energia, sendo as emissões na região dominadas pelo setor agropecuário e desmatamento.

No entanto, a LAC desempenha um papel chave nas ações para mitigar esses problemas globais, com oportunidades na preservação de recursos naturais e na adaptação e mitigação das mudanças climáticas por meio de políticas climáticas e de conservação que contribuam para o desenvolvimento sustentável. Ecossistemas como florestas e manguezais desempenham um papel crucial na mitigação climática, mas enfrentam ameaças severas de desmatamento e exploração insustentável.

O estudo destaca a necessidade de políticas climáticas e de conservação que combinem adaptação e mitigação, com a promoção de economias produtivas de baixo carbono, maior inclusão social e uso sustentável de recursos naturais. Também enfatiza a importância da cooperação internacional e do financiamento climático para que a região cumpra seus compromissos sob o Acordo de Paris.



DESIGUALDADE INTERGERACIONAL

Título: *Desigualdades Herdadas: O Papel das Habilidades, Emprego e Riqueza nas Oportunidades das Novas Gerações. (2022).*

Autores: Lucila Berniell, Dolores de la Mata, Ernesto Schargrofsky, Guillermo Alves e Fernando Álvarez.

Este estudo aborda a persistente desigualdade intergeracional na América Latina e no Caribe (LAC), uma região caracterizada por uma alta inequidade. Esse fenômeno tem raízes históricas e afeta a mobilidade social, limitando o progresso educacional, laboral e econômico das novas gerações. O relatório revisou análises estatísticas, pesquisas como a ECAF (2021) e estudos longitudinais, como o projeto Crianças do Milênio, para medir a mobilidade intergeracional em dimensões como educação, renda, riqueza e saúde. Também foram analisados indicadores de mobilidade absoluta e relativa.

Entre os achados, destaca-se que a região mostra uma mobilidade intergeracional limitada em termos de renda e ocupações, e apresenta amplas disparidades segundo gênero, etnia e localização geográfica. Embora tenha sido alcançada uma melhoria na mobilidade educacional primária, o progresso na educação secundária e universitária continua limitado.

O estudo sugere apostar no investimento em capital humano durante as primeiras etapas da vida, bem como na melhoria da qualidade educacional; e promover o funcionamento de mercados de trabalho mais equitativos.



BRECHAS EM MOBILIDADE

Título: *Mobilidade Urbana para Mais e Melhores Oportunidades (2023).*

Autor: Matías Italia.

Este estudo analisa os desafios da LAC em mobilidade urbana, uma região onde 81% da população vive em áreas urbanizadas e onde o transporte permite acessar oportunidades econômicas, sociais e educacionais. No entanto, persistem lacunas em acesso e qualidade, além de problemas como congestionamento, acidentes de trânsito e poluição ambiental. Utiliza análises estatísticas, indicadores de mobilidade e projetos financiados pelo CAF para avaliar o impacto do transporte público, da mobilidade ativa e da infraestrutura viária.

Os achados destacam que mais de 20% dos latino-americanos e caribenhos não têm acesso a transporte público formal a menos de dez minutos de suas casas, e apenas 4% da infraestrutura viária é destinada a pedestres e ciclistas.

A região apresenta altos níveis de poluição por transporte, que contribui com 37% das emissões de CO₂, juntamente com acidentes de trânsito e problemas de equidade de acesso para mulheres e grupos vulneráveis.

O estudo destaca projetos financiados pelo CAF para melhorar o acesso e a qualidade do transporte público, vias e logística urbana, que impactam na redução dos tempos de viagem, melhorias em segurança e aumento do uso do transporte público e da cicloinfraestrutura entre 6% e 48%.



ESTRATÉGIA PARA A IA

Título: *Desenho de Políticas Públicas de Inteligência Artificial: Desenvolvimento de habilitadores para sua implementação na América Latina e no Caribe (2024).*

Autores: María Fernanda Arciniegas, com o apoio de María Isabel Mejía, Armando Guío e Martha Cecilia Rodríguez.

O guia desenvolvido pelo CAF - banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe - propõe uma abordagem estratégica e responsável para a adoção da inteligência artificial (IA) na região. Destaca seu potencial para enfrentar desafios estruturais, como a inclusão social, a sustentabilidade ambiental e a modernização dos serviços públicos, e sublinha o papel da IA em setores como educação, saúde e gestão de recursos.

Entre os desafios em relação à IA, o guia identifica a falta de estratégias nos países para promover habilidades digitais e tecnológicas, fraquezas na infraestrutura de computação e escasso investimento em pesquisa e desenvolvimento. Além disso, alerta sobre riscos éticos como a discriminação algorítmica e a exclusão tecnológica.

O guia sugere marcos regulatórios sólidos, estratégias participativas e multiatores, e uma visão de longo prazo. Também trata de questões éticas, recomendando salvaguardas para garantir o uso responsável da IA e a proteção dos direitos humanos. A regulação deve incluir experimentação como *sandboxes* regulatórios, e a ética deve ser enquadrada em princípios que respeitem a diversidade e evitem a perpetuação de vieses. 🌸

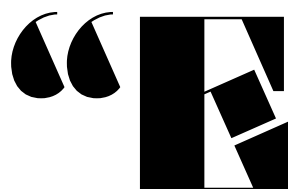
ENTREVISTA
com Jeremy Rifkin

Por Equipe editorial
@AgendaCAF



“América Latina e o Caribe têm o capital mais valioso”

O renomado sociólogo e economista estadunidense Jeremy Rifkin fala sobre a crise das mudanças climáticas e da Terceira Revolução Industrial, da qual a região, segundo ele, pode ser um emblema. "Precisamos ter um novo modelo econômico", ele diz.



Existem atualmente 8 bilhões de pessoas vivendo com um medo mortal. Inundações, chuvas, furacões, ondas de calor, incêndios. Estamos testemunhando uma destruição enorme da infraestrutura. É realmente uma situação perigosa, mas também uma oportunidade.”

Quem diz isso é Jeremy Rifkin, economista, sociólogo, ativista político e ambiental, consultor empresarial, palestrante e autor de mais de vinte livros, o mais recente deles intitulado *Planeta Água*, no qual ele propõe renomear o lugar onde vivemos para reconhecer o papel da água em todos os sistemas que sustentam a vida.

A argumentação central do especialista em relação às mudanças climáticas gira em torno da ne-

cessidade de criar um novo modelo econômico que aproveite os avanços tecnológicos para consolidar a Terceira Revolução Industrial, sem degradar ainda mais a natureza e gerando mais equidade. Sobre a região, Rifkin afirma que ela tem a possibilidade de ser um emblema dessa revolução devido aos seus privilégios naturais.

Rifkin foi o principal palestrante do I Fórum Econômico da América Latina e do Caribe, organizado pelo

} Rifkin é um pensador e ativista de longa data, que trabalhou com governos e instituições na Europa, América do Norte e Ásia. → Foto - CAF



CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe– recentemente na Cidade do Panamá.

Professor Rifkin, estamos diante da pior crise da história?

“Sim, mas para resolvê-la precisamos refazer completamente o modelo econômico. Não podemos usar o manual que temos agora. A Iluminação, a Era do Progresso, a Revolução Industrial, tudo isso, como abordamos a ciência e como organizamos a economia, é o que nos trouxe a este ponto crítico das mudanças climáticas.”

Como construir esse novo modelo?

“Em 2001, trabalhando com a União Europeia, decidimos investigar como os grandes modelos econômicos mudaram, para ver se podíamos encontrar um roteiro. Descobrimos que houve algumas grandes mudanças de paradigma econômico, todas relacionadas à infraestrutura e que se juntaram ao longo da história. Elas tinham um

denominador comum: um momento em que cinco tecnologias surgiram por acaso e depois convergiram para criar uma infraestrutura que mudou a maneira como organizamos cada aspecto de nossas vidas.”

Quais são essas cinco revoluções tecnológicas distintas?

“A primeira, novas revoluções de comunicação. A segunda, novos regimes de energia. A terceira, novos modos de mobilidade e logística. A quarta, novas formas de tratar e gerir a água, que é o componente essencial das outras três. E a quinta, novas abordagens para os habitantes.”

A Primeira Revolução Industrial foi no século XIX...

“Sim, na Grã-Bretanha. Naquela época, a revolução da comunicação foi a impressão a vapor. Não mais prensas manuais. A isso se uniu um sistema de telegrafia na última metade do século que permitiu a comunicação instantânea. O sistema de energia estava esgotado; eles tinham derrubado a floresta. Então, eles ca-

De acordo com o professor Rifkin, a América Latina e o Caribe têm tudo para se desenvolverem com a proteção adequada de sua natureza, pois não tiveram uma industrialização profunda.

→ Foto - César Melgarejo / EL TIEMPO

varam o solo e extraíram carvão para produzir energia e ar carbonífero. A revolução da mobilidade foi a dos trilhos e das locomotivas. Quanto à revolução da água, eles foram os primeiros, desde a queda de Roma, a implementar sistemas extensos de água e sistemas de purificação. A revolução dos habitantes foi o desenvolvimento urbano porque os trilhos iam de cidade em cidade. Isso nos levou aos mercados nacionais, à governança dos Estados-nação, às empresas comerciais, etc.”

Qual foi a segunda mudança de modelo?

“A Segunda Revolução Industrial foi nos Estados Unidos no século XX. A revolução das comunicações

foi marcada pelo telefone de Alexander Graham Bell. Conectamos o continente em muito pouco tempo. A revolução energética foi marcada pela descoberta de petróleo no Texas. A revolução da mobilidade foi o motor de combustão interna de Henry Ford. A revolução da água envolveu a criação de grandes barragens hidrelétricas que depois se replicaram pelo mundo. Isso nos levou ao desenvolvimento urbano e suburbano através das estradas; e nos levou às globalizações e às instituições governamentais como a ONU, o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional, a OCDE, etc.

E o que você vê agora?

“O que vemos agora é a Terceira Revolução Industrial. A revolução da comunicação já surgiu: a Internet. Temos 4,5 bilhões de seres humanos conectados com um pequeno telefone nas mãos, um dispositivo que possui mais poder de computação do que os instrumentos dos astronautas que foram à Lua nos anos 70. Quero destacar que tudo está distribuído. Temos uma revolução da energia, com milhões e milhões de pessoas ao redor do mundo colhendo o sol e o vento; a revolução da mobilidade, o transporte elétrico e de baterias, e cada vez mais com transporte autônomo, gerenciado por big data através de comunicações pela Internet.”

O que está acontecendo com a água?

“A revolução da água é que não estamos saindo da água. Passamos de secas a inundações, mas as moléculas de água não desaparecem do planeta. Estão aqui há milhões de anos. O que acontece é que elas mudam quando caem, em que volumes e quando não. Inundações, chuvas, ondas de calor, incêndios significam que a hidrosfera está redefinindo um ecossistema completamente novo para o planeta. Não há como controlá-lo. Precisamos nos adaptar a isso em vez de tentar adaptá-lo a nós.”

Onde está, então, a revolução da água?

“A revolução da água são as microrredes de água. Haverá milhões e milhões de microrredes de água, todas distribuídas para coletar água nas paredes e no teto. Você a leva para o solo, a armazena, e quando há secas e aquecimentos, você a distribui usando Inteligência Artificial (IA) para isso.”

Tudo isso vai transformar o habitat?

“A revolução do habitat está relacionada com a passagem para a fabricação de imagens 3D. Este quadro geral determina uma grande mudança. Nos leva da revolução da fabricação subtrativa das duas primeiras revoluções industriais à revolução da fabricação aditiva da terceira. Isso é crucial para tudo: desde tarifas até governança. Nas primeiras revoluções, uma enorme quantidade de material da natureza era consumida para criar um produto final. E isso significou que acabamos com meio milhar de empresas

globais, que compõem um terço do PIB mundial. Essas empresas têm apenas 65 milhões dos 3,5 bilhões de trabalhadores do mundo. E assim se criou uma revolução de dois séculos que foi principalmente para poucos, em vez de para muitos.”

Em que consiste a fabricação aditiva?

“Dou-lhe um exemplo. Um arquiteto chamado Mario Cucinella, na Itália, construiu uma casa com argila em alguns dias. Emissão zero. Depois pode passar de um mercado tradicional vendedor-comprador, das revoluções industriais anteriores, para uma rede de usuários de um fornecedor na Terceira Revolução Industrial. Ele poderia então enviar as instruções para essa casa a um desenvolvedor nas Filipinas, colocando-as em seu celular, a quase zero custo marginal, em 30 segundos. E este desenvolvedor poderia construir tantos edifícios quanto quisesse, pagando uma taxa pela licença. Os Emirados Árabes Unidos terão 25% de seus edifícios com impressões 3D em 2030. A Arábia Saudita tem 500 bilhões de dólares em fundos de investimento avançando. É uma mudança tremenda. Sabemos que, por cada dólar que investimos nesta infraestrutura, temos um retorno de 3 dólares no PIB.”

Não há discussão sobre as grandes possibilidades que a IA traz para a humanidade, mas ao mesmo tempo debate-se sobre sua alta demanda de eletricidade. Isso não é uma grande barreira?

“Esse é o problema agora, em termos de se podemos fazer essa transição. Em 2019, o custo amortizado da energia solar e eólica caiu abaixo de todas as outras energias; muito abaixo da nuclear, do petróleo e do gás natural. O custo amortizado continua caindo; o custo marginal é quase zero. No meu livro *Planeta Aqua*, menciono um estudo sobre 12.000 plantas termoeletricas. Você usa urânio, petróleo e gás natu-



“O que me surpreendeu quando olhei para a América Latina e o Caribe é que esses 60% de toda a biodiversidade do planeta estão em uma porção muito pequena da massa terrestre do mundo.”



O professor Rifkin, um dos principais palestrantes do I Fórum Econômico da América Latina e do Caribe, realizado no Panamá. Seu livro mais recente é intitulado *Planeta Aqua*. → Foto - CAF

ral para aquecer a água. A água cria o vapor que move as turbinas para a eletricidade. O que descobriram neste estudo é que, se você usa o sol e o vento, que são mais baratos, pelo menos para aquecer a água e criar o vapor para operar as turbinas elétricas, você salva 95% da água.”

Como será usada a IA?

“Elon Musk e algumas pessoas são ingênuas sobre o assunto. A IA será usada para pesquisa e como assistência executiva, mas a missão primária dela será gerenciar e administrar a infraestrutura de comunicação, energia, mobilidade, água e hábitos da nova revolução.”

O setor privado é parte da solução ou do problema que estamos enfrentando?

“É a solução. O mercado está falando, exceto que estamos mudando do modelo vendedor-comprador para redes de usuários. E o grande negócio será para pequenas e médias empresas de alta tecnologia em todo o mundo. A tecnologia está muito distribuída. Você pode enviar software de um lado para o outro sem pagar tarifas. Alguém o desenvolve do outro lado e paga a tarifa. Pense no aumento de empresas médias e pequenas de alta tecnologia em todo o mundo.”

Como vê a América Latina e o Caribe?

“Possui 650 milhões de pessoas e 60% de toda a biodiversidade do





Os reservatórios para produção de energia foram uma parte chave da revolução liderada pelos Estados Unidos. O clima atual frequentemente os coloca em situações críticas.

→ Foto - Mauricio Moreno / EL TIEMPO

mundo. Isso faz da região a mais rica do planeta. É impressionante. Há uma oportunidade de elevar a região a um estado de primeiro nível para sua população, pois a infraestrutura da Segunda Revolução Industrial não foi totalmente desenvolvida, exceto no Brasil, Chile, Colômbia e em alguns outros lugares. Não há muitos interesses antigos envolvidos, embora ainda existam alguns interesses fósseis. Isso é bom, porque não há códigos, regulamentos e padrões antigos. Começa-se do zero. É um grande avanço. Se houver vontade e resolução para fazer a mudança, isso é outro problema.”

Pode aprofundar um pouco mais sobre o que essa oportunidade significa para a América Latina e o Caribe?

“Estudamos tudo na região, mas o que realmente me surpreendeu é que ela possui o capital mais valioso do mundo. Tendemos a pensar que, na economia moderna, o capital são máquinas, inventário, retorno sobre investimentos, direitos de propriedade intelectual. Isso não é o capital. Na natureza, o único capital é a produção primária de fotossíntese. Tudo o mais nós usamos para criar nossos sistemas econômicos. Esse é o único capital que existe, e isso não é brincadeira. O que me surpreendeu quando olhei para a América Latina e o Caribe é que esses 60% de toda a biodiversidade do planeta estão em uma porção muito pequena da massa terrestre do mundo. A América Latina e o Caribe têm tudo para ser o emblema da próxima revolução. Isso é realmente uma grande coisa.”

Como desbloquear o potencial dessa revolução?

“O que eu sugeriria é unir as universidades, as associações de indústria e comércio, as ONGs, os governos e as instituições para tratar isso em seminários de 'mergulho profundo'. Eles têm o talento, precisam se unir. Na América do Norte, há algumas experiências.”

Qual seria um bom exemplo?

“Vamos avançar mais para uma governança bioregional porque os desastres climáticos não se importam com as fronteiras políticas. Os governos que compartilham ecossistemas estão expandindo sua ação para preparar, resgatar, restaurar e manter seus recursos ecológicos. A região dos Grandes Lagos representa 20% da água doce restante no planeta. Os oito estados dos Estados Unidos e duas províncias do Canadá que compõem a região equivalem à terceira economia do mundo e decidiram criar um centro de inovação de entre 250 e 300 milhões de dólares que será inaugurado em 2027, para lidar com tudo isso.”

Qual é o papel da geopolítica nesta nova revolução?

“Todos pensam que vamos voltar à geopolítica. Não, acabou a era dos Estados-nação e tudo isso. Isso é o que ninguém parece entender.”

Professor Rifkin, o que dizer às pessoas sobre o momento crítico que estamos vivendo?

“Primeiro, que temos que nos adaptar e que a humanidade foi capaz de se adaptar ao longo da história e, nesse sentido, que vamos sair desta situação. E, segundo, que a ciência nos dará uma resposta.”



ESTRATÉGIA INSTITUCIONAL 2022 - 2026

O caminho para nos transformarmos no banco verde e do crescimento sustentável e inclusivo da América Latina e do Caribe.

Visão: Ser o banco verde e principal parceiro para a reativação, desenvolvimento sustentável e integração da América Latina e do Caribe.

Missão: Apoiar os países acionistas a alcançar o desenvolvimento sustentável e a integração regional, por meio da oferta de instrumentos financeiros e serviços de conhecimento.

Agendas



Missionais



Transversais



Habilitadoras

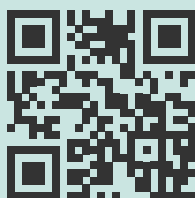


caf.com
@AgendaCAF



“Visões do Desenvolvimento
é uma resposta à necessidade
de reposicionar a América Latina e o Caribe
no mundo. Convidamos acadêmicos,
líderes sociais, empresários e toda a
comunidade internacional a se juntarem
a esta iniciativa, contribuindo com suas
perspectivas e conhecimentos para
construirmos juntos um futuro mais próspero
para a América Latina e o Caribe”.

Sergio Díaz-Granados
Presidente Ejecutivo do CAF



BANCO DE DESENVOLVIMENTO
**DA AMÉRICA LATINA
E CARIBE**